

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Janaina Jácome dos Santos

COCH/UFU
Correspondência Recebida
em 12/12/05
Patrocínio

Vida e trabalho na cafeicultura no município de Patrocínio/MG.

Uberlândia, Julho de 2005.

3172 (c)
S.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1G (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel. 38400-902 Uberlândia - M.G. 38400-902

Janaina Jácome dos Santos

Vida e trabalho na cafeicultura no município de Patrocínio/MG.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel e licenciatura em História, sob a orientação da Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, Julho de 2005.

Resumo

O interesse em pesquisar a cidade de Patrocínio surgiu através das minhas visitas a familiares que residem na cidade e especificamente de parentes meus que trabalham na colheita do café. O objetivo do trabalho é tentar compreender as relações de trabalho na cafeicultura no município e o porquê desses trabalhadores escolherem o café e qual a importância dessa atividade em suas vidas.

Patrocínio é um município que está localizado no Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais com uma população em torno de 73.000 habitantes. Uma economia voltada para o setor agropecuário, sendo o principal produto a cultura do café. Cerca de 80% da economia é baseada nesse produto, chegando a empregar de 8 a 26 mil pessoas.

Na elaboração do trabalho foram utilizados depoimentos, jornais, fotografias e dados estatísticos. A oralidade presente nos depoimentos é a principal fonte da interpretação da monografia, buscando compreender como esses atores sociais se inserem na realidade em que vivem. O historiador que trabalha com a fonte oral deve entender que as pessoas relatam aquilo que tem importância para elas. O próprio pesquisador está embuido de valores e pré-conceitos e o mesmo ocorre com o entrevistado, ao dar entrevista ele também seleciona o que vai falar.

Lidando com os depoimentos orais e outros documentos, essa monografia aborda as relações que os trabalhadores do café constroem na cidade no espaço de trabalho e no bairro onde moram.

Agradecimentos:

Durante a construção deste trabalho contei com o estímulo de várias pessoas que estavam ao meu lado durante as dificuldades e inseguranças. Gostaria de deixar aqui meus sinceros agradecimentos a todos que participaram e se envolveram nesta pesquisa.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus que sempre esteve ao meu lado nas horas mais difíceis.

A professora Heloisa Helena Pacheco Cardoso que aceitou me orientar e tanto me auxiliou, mas, sobretudo soube ser paciente e compreensiva durante esse trajeto. E também todos os professores que fizeram parte da minha graduação, porque sem eles não seria possível a conclusão deste trabalho.

À minha família, meus tios Jair Jácome e Zilda Jácome que me acolheram em sua residência por várias vezes durante as idas e vindas em Patrocínio.

Aos trabalhadores do café: Wagner Junior, Zélia Alves, Adriana Silva que gentilmente responderam as minhas perguntas, esclarecendo dúvidas. Juntamente com meus tios Jose e Geraldo Firmino.

A minha mãe, Maria Joana Jácome que sempre trouxe um imenso amor à minha vida e nunca descuidou um só minuto que seja de mim. Esteve ao meu lado durante toda a minha vida escolar incentivando-me a fazer faculdade, buscando sempre o melhor.

O meu esposo Glaicon Flaviano Gomes que teve muita paciência durante meus períodos de estresse e sempre demonstrou muito amor por mim.

Aos colegas de graduação com quem pude dividir as angústias tão presentes para todos nós e aos colegas de trabalho que sempre me incentivaram na conclusão desta monografia. Enfim, gostaria de agradecer a todos que participam ou participaram de alguma forma neste trabalho e na minha vida.

SUMARIO

Considerações iniciais	05
Capítulo I	
Um trabalho, uma cidade e muitas vidas.....	12
Capítulo II	
As condições de trabalho no cafezal: Várias vidas e muitas lutas.....	28
Capítulo III	
Serra Negra: Um bairro de “panhadores” de café.....	44
Considerações finais.....	55
Fontes orais.....	56
Fontes impressas	57
Bibliografia.....	58

Considerações Iniciais

O interesse em pesquisar no município de Patrocínio surgiu através das minhas visitas a familiares que residem na cidade e especificamente de parentes meus que trabalham na colheita do café. Uma cidade localizada no interior de Minas Gerais, a 150 km de distância da cidade de Uberlândia, e com um desenvolvimento econômico baseado na cafeicultura. O que mais chamou a minha atenção foram os trabalhadores do café, como seu trabalho interfere de forma direta na economia da cidade.

Durante minhas idas e vindas no município, foi possível perceber que praticamente só havia movimentação de pessoas, no centro e nos bairros, durante o período de safra, nos meses de maio a outubro. Alguns trabalhadores são migrantes e voltam para seus lugares de origem, após a panha, mas existe uma parte que reside na cidade, especificamente em um bairro afastado: O Serra Negra. A população local possui até um certo tipo de preconceito e medos desse lugar, onde vive a maioria dos “panhadores de café”.

Observei que existem famílias tradicionais que são donos da maioria das terras onde se produz o café. Esses fazendeiros contratam seus trabalhadores, sem carteira assinada,, mesmo a legislação trabalhista exigindo tal documento, mas eles conseguem burlar a lei.

Entretanto o que mais prende minha atenção é a relação desses trabalhadores com a cidade, suas vivências, seu modo de trabalho e suas lutas para terem uma vida mais digna e também as relações que estabelecem no município. Como esses sujeitos sociais sobrevivem através da panha do café durante o ano.

Portanto o objetivo desse trabalho é tentar conhecer e compreender as relações de trabalho na cafeicultura no município de Patrocínio em Minas Gerais. O porque desses trabalhadores escolherem o café e qual a importância do mesmo em suas vidas e qual sua relação com a cidade que “vive” do café.

O trabalho na panha interfere de forma direta e indiretamente na economia local. Trabalhadores que muitas vezes são excluídos pela sociedade local pelo seu jeito simples de sobreviver, mas que proporcionam ao município o crescimento econômico quando existe boa safra. Porém quando o valor pago (no mercado) pela saca de café cai, a cidade fica prejudicada juntamente com os “panhadores” que recebem salários menores ou ficam desempregados.

Muitos são migrantes, outros possuem residência fixa na cidade. Durante o período de entressafra os migrantes procuram ocupação em outro lugar, e os que moram na cidade permanecem trabalhando em empregos temporários como na construção civil. Assim esperam um novo começo de safra, onde largam os empregos na cidade para voltarem para a lavoura. Em consequência desse vai e vem, a economia local fica desestabilizada.

Patrocino tem uma área 2.830 km², com uma população em torno de 73.000 habitantes, segundo o último censo do IBGE, em 2000. Uma cidade localizada no Alto Paranaíba com cerca de 80% da economia voltada para o setor agropecuário, sendo o principal produto a cultura do café.

Foi durante a década de 70 que a cidade começou a plantar o café em grande escala. Segundo Gonçalves¹, foi nesse período que o plantio de café começou a chegar nas cidades do interior de Minas Gerais, através do Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC), implantado pela política cafeeira do governo, procurando renovar o potencial produtivo do café em terras nacionais. Na mesma época também ocorreu uma imigração principalmente do Paraná e São Paulo: eram pessoas que compravam terras e investiam na plantação do café². A pesquisa não abrange a década de 70, somente a partir da década de 90 até os dias atuais, abrangendo as relações sociais mais recentes.

Atualmente a cidade é o principal produtor de café no Alto Paranaíba, nela estão instalados várias associações e cooperativas destinadas aos produtores, entre eles estão: o Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (Coccer) e Cooperativa dos Cafeicultores da Região do Cerrado (Coocafer). Porém essas instituições não foram trabalhadas, pois tratam exclusivamente dos negócios dos grandes produtores, tendo assim pouca informação sobre o trabalhador. O objetivo da pesquisa não é só a relação produtor/trabalhador e sim as relações instauradas entre o trabalhador seu local de trabalho e a cidade.

Durante a pesquisa foram encontrados inúmeros trabalhos, incluindo dissertações de mestrado, sobre o tema proposto. Entre os que analisam a cafeicultura na região está aa

¹ NETO, Wenceslau Gonçalves. **Agricultura e Política Agrícola na década de 70: A cafeicultura em Araguari, MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1983. Pp 99.

² Anuário de Patrocino: Histórico, Turístico e Estatístico, 1999, ano 3.

dissertação do professor Wenceslau Gonçalves Neto, intitulada **“Agricultura e Política Agrícola na década de 70: A cafeicultura em “Araguari-MG”**³.

Esta é uma dissertação que trabalha a questão política e econômica e os conflitos que estão instaurados na sociedade e no Estado. Conflitos entre a agricultura e a indústria no início da década de 70 e seus desdobramentos. O autor analisa o pensamento econômico, utilizando autores como Carlos Lessa, Caio Prado, Alberto Passos Guimarães entre outros.

Em seus capítulos, o autor trabalha com diferentes teorias em relação à agricultura, fazendo um levantamento historiográfico sobre o tema. Ele levanta questões sobre a relação da política empregada na década de 60 com a economia e os movimentos sociais, mostrando quais foram os mecanismos utilizados e aprovados pelo governo. Finalizando com uma discussão sobre a política agrícola, principalmente o café, especificamente na cidade de Araguari, e a evolução dessa cultura durante os incentivos e controle do governo.

A dissertação do professor Wenceslau Gonçalves Neto mostra uma visão sobre os aspectos econômicos e políticos da cafeicultura na região do Triângulo Mineiro e principalmente Araguari na década de 70. O levantamento historiográfico que inicia seu trabalho nos ajuda a esclarecer quais foram as transformações ocorridas desde a década de 60 na cafeicultura, e também as teorias econômicas difundidas nesse período, promovendo assim um maior conhecimento do que já foi pesquisado.

Outro trabalho é a tese da professora Célia Regina Gomide de Oliveira, **“Os bóias-frias no café: Greve em Araguari-MG”**⁴, que trabalha com a greve dos bóias-frias em Araguari, no Triângulo Mineiro, em 1985. Aborda a primeira greve ocorrida na cidade, onde os trabalhadores lutam por condições melhores de trabalho e contra a exploração dos patrões e a subordinação do capital.

A autora registra o movimento de reivindicação dos trabalhadores das plantações de café, demonstrando como um movimento que durou cerca de uma semana pode abarcar tantos trabalhadores, que não concordavam com a situação a que estavam submetidos, lutando assim por melhorias. A leitura dessa dissertação proporciona uma melhor reflexão sobre a identificação dos problemas sociais dos “panhadores” e sobre o conhecimento de

³ NETO, Wenceslau Gonçalves. **Agricultura e Política Agrícola na década de 70: A cafeicultura em Araguari, MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1983.

⁴ OLIVEIRA, Célia Regina Gomide de. **Os Bóias - frias no café: Greve em Araguari-MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1986.

uma greve na década de 80. Um trabalho que ajudou a pensar que é possível um grupo de trabalhadores com visões diferentes conseguir a união necessária para articular uma greve e desarticular todo um sistema econômico regional.

Outro trabalho utilizado na minha pesquisa e sobre o mesmo tema, é a dissertação da professora Maria do Carmo Andréia Angelotti sobre **“Trabalhadores bóias-frias: Experiências rurais e urbanas na cidade de Araguari”**⁵. Angelotti pesquisa as relações sociais do bóia-fria como moradia, alimentação, vestuário, o papel feminino no trabalho, concluindo com a relação entre o trabalhador, o gato e a cooperativa. A importância da leitura da dissertação está em compreender como são utilizadas as entrevistas dentro da pesquisa e que devemos valorizar os conceitos dos entrevistados, pois cada pessoa possui uma vivência diferente e tem algo importante a dizer. Dessa forma o entrevistado também elabora o que vai dizer como o próprio entrevistador: ele só fala o que tem importância para si.

Dentro da pesquisa de campo, na cidade, não foram encontradas fontes documentais sobre os trabalhadores do café, sendo assim, as fontes utilizadas na construção deste trabalho foram as narrativas orais, dados estatísticos fornecidos pela Prefeitura e IBGE, juntamente com jornais e fotografias. Não foram utilizados dados do sindicato, pois não houve permissão para pesquisa, onde os dirigentes alegavam ter nomes de pessoas importantes da cidade e que uma divulgação poderia comprometê-los. Na realidade existe uma grande dificuldade para encontrar uma documentação oficial sobre os panhadores de café e suas participações em movimentos sociais.

Portanto a oralidade é a principal fonte utilizada na análise. Através dela consegui (em partes) conhecer os valores desses trabalhadores. Uma classe deixada à margem da sociedade, mas que proporciona o crescimento econômico do município e que é ridicularizada pelo seu trabalho, por uma classe que sobrevive do mesmo. É através das falas dos entrevistados que se percebe a importância do café na cidade e em suas vidas.

E escolher a fonte oral implica compreendê-la, e acima de tudo, mais do que buscar dados e informações nessas fontes, observar as *“práticas sociais através das quais os*

⁵ ANGELOTTI, Maria do Carmo Andréia. **Trabalhadores bóias-frias: Experiências Rurais e Urbanas em Araguari-MG**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. São Paulo, 2001.

sujeitos se constituem historicamente”⁶. Mas não só a análise da fonte oral como também de outras fontes, como o jornal e fotografias.

Segundo Yara Aun Khoury as fontes orais produzem a realidade social de forma única, cada entrevistado elabora sua resposta de acordo com o que lhe é importante, trazendo a tona um tempo especial para si. Algo que estava preservado em suas recordações pessoais⁷, portanto cada narrativa oral é única, mas não é estática. A entrevista pode sofrer alterações, por parte da pessoa que narra, de acordo com o tempo e com as mudanças sociais. Fatos antes lembrados em um determinado tempo (histórico), podem ser esquecidos ou alterados de acordo com a realidade vivida e com a memória.

O tempo do entrevistado não é um tempo cronológico e sim um tempo marcado por alegrias e tristezas, lembranças e esquecimentos. Segundo Portelli, “*os relatos acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõem com o tempo*”⁸. Sendo assim uma pessoa pode ser entrevistada, por um mesmo entrevistador com perguntas iguais, por duas ou mais vezes em ocasiões distintas que seu relato será sempre diferente.

Durante a produção deste trabalho, busquei também fontes escritas, trabalhos sobre historia oral e sobre o tema escolhido, foram estudados. As leituras ajudaram-me a compreender como o tempo modifica a fala dos personagens, textos como o de Yara Aun Khoury foram de grande importância, demonstrando como a historia oral tornou-se de fundamental importância para muitos historiadores, no qual me incluo.

Durante a pesquisa foram feitas várias visitas à cidade e a órgãos municipais como a Casa da Cultura e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Busquei neles dados que poderiam trazer alguma informação sobre os trabalhadores do café, porém somente consegui o histórico da cidade. Dados estatísticos do IBGE sobre a quantidade de pessoas residentes no município (população urbana + população rural), o mapa delimitando o espaço da cidade e do campo. Nos dados do IBGE obtive informações sobre a colheita de café na cidade e

⁶ YARA. Aun Khoury, Narrativas **Orais na investigação da historia social**. In: Revista Projeto Historia 22. Historia e Oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Historia e do Departamento de Historia da PUC. São Paulo: EDUC, 2001. PP 81.

⁷ PORTELLI, Alessandro. **O momento de minha vida: Funções do tempo na Historia Oral**. In: FENELON, Déa Ribeiro e outros (org). **Muitas Memórias, Outras Historias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

⁸ Idem. Idem

através dele conseguimos verificar a importância do cultivo no desenvolvimento do município.

Através das visitas foram realizadas cinco entrevistas com pessoas diferentes com funções também diferentes no café.

O senhor José Firmino dos Santos, 59 anos, trabalha no café desde meados da década de 80, começou na panha e após um ano foi “promovido” a gato, no qual permanece até hoje. É casado e residente na cidade, mas é natural de Patos de Minas. Veio para Patrocínio em busca de emprego e uma vida melhor. Atualmente mora com seu irmão Geraldo Firmino dos Santos, 64 anos, também trabalhador do café desde a década de 80. Começou sua vida nas carvoarias em volta da cidade, foi para a panha do café junto com seu irmão e permaneceu nessa função até a idade de 60 anos. Não trabalha mais, pois foi acometido de doença, que levou a amputação das duas pernas.

Outro entrevistado foi a senhora Zélia Alves de Jesus, conhecida como Nenê, com 47 anos e viúva. É moradora do bairro Serra Negra e natural de Patrocínio. Está há cinco anos afastada das lavouras, porque preferiu um emprego na cidade, mas pretende voltar porque a panha do café rende mais em termos financeiros.

Entrevistei também o senhor Wagner Junior Fernandes, com 22 anos, casado e natural da cidade. Começou na panha do café aos 15 anos, alegando que não conseguia outro emprego melhor na cidade. Casado com a senhora Adriana Batista Silva Fernandes, 24 anos, natural de Minas Sul, no Estado de Goiás. Possuem um filho de 3 anos de idade. A senhora Adriana trabalhou até o 7º mês de gestação. Mas ao questioná-la sobre como era sua vida nas lavouras, ela diz que não se lembra e que não gostava como se quisesse apagar da memória tal fato.

Todos esses personagens são sujeitos sociais que elaboram e reelaboram suas vivências. São sujeitos que se “*fazem histórico e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas*”⁹. São pessoas que vivem na cidade, mulheres e homens, jovens e velhos que constroem seu modo de viver com características diferentes, mas incluídos numa mesma sociedade, enfrentando

⁹ YARA, Aun Khoury. Narrativas **Orais na investigação da história social**. In: Revista Projeto Historia 22. Historia e Oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Historia e do Departamento de Historia da PUC. São Paulo: EDUC, 2001. PP 80.

processos de exclusão, segregação ou mesmo marginalização. Sendo assim, cada capítulo irá tratar das relações sociais dentro e fora da colheita do café.

No capítulo I, o enfoque está na realidade enfrentada pelo bóia-fria no seu dia-a-dia. Sua relação com a cidade e com sindicato e uma visão histórica da cidade junto com a importância do café para a mesma.

No capítulo II trataremos das relações de trabalho e sobre a importância do salário do café na vida desses trabalhadores. Como eles sobrevivem do café por um curto espaço de tempo (período da colheita) e o que fazem após a safra. Como esse trabalho itinerante leva o município a um crescimento econômico, através da renda gerada pelo café.

No capítulo III, buscaremos mostrar o bairro Serra Negra, um lugar formado a partir de invasões e oficializado na década de 90. Nesse bairro mora a maioria das famílias que colhem o café. Como este bairro é visto pela maioria da população e a discriminação sofrida por esses moradores.

CAPITULO I

UM TRABALHO, UMA CIDADE E MUITAS VIDAS.

“Eu achei muito difícil, nossa senhora, a gente nunca tinha trabalhado, trabalhado na lavoura sem se o café, eu comecei trabalhá eu tinha 11 ano, sem se em café. Ttrabalhei em café só na capina, panha não, capinava ali, como diz o outro, carpia o café. Eu já trabalhei em lavoura, ranquei soja, já plantei tomate, eu (silencio)... já plantei café, colhi café, em lavoura, fala que é lavoura, eu já fiz todo o serviço. Todo, todo tipo de serviço, cê pensa que existe, se existe, lavoura...da...da arruação de terra, ate plantio, eu já trabaie. Desde quando cê começa, o trator vai ali e tombano a terra, ai cê começa cata as raízes, pra planta o café, por exemplo, desde a arruação do café, o plantio e até a colheita do café. Fiz de tudo!”¹⁰(Zélia Alves de Jesus, trabalhadora nas lavouras de café)

Patrocínio é um município conhecido como o melhor produtor de café do interior de Minas Gerais, café que é o símbolo da cidade e traz riqueza para muitos produtores. O que existe por traz desse símbolo, quem são as pessoas que colhem esse produto tão rentável, como vivem, quais são seus direitos, e como o salarios desses trabalhadores interferem diretamente na economia da cidade? Essas são questões que me instigam a busca analisar as relações sociais presentes na produção do café no município. Se o progresso da cidade é

¹⁰ Entrevista concedida por Zélia Alves de Jesus, realizada no dia 31/10/2004, em sua residência no bairro Serra Negra, em Patrocínio / MG

divulgado como decorrência do café, sua produção é fruto do trabalho de muitas pessoas que à ela se dedicam. São homens e mulheres que participam do processo de produção, da capina à colheita e nele constroem relações entre si, com os donos das fazendas e com a cidade onde moram.

O município está localizado no Alto Paranaíba, em Minas Gerais, e, em 2005, completa 163 anos de emancipação. Segundo o histórico apresentado pela Prefeitura¹¹, a cidade foi emancipada em 1842, pela lei 171. Porém sua fundação ocorreu um pouco antes, no ano de 1772, com o senhor Inácio de Oliveira Campos que veio para a província de Minas Gerais em busca de ouro e índios por ordem do então governador Conde Valadares. Na região construiu uma habitação às margens do Córrego Padre Vicente com o objetivo de atender aos bandeirantes que passavam pela região.

O início do povoamento veio com a instalação da Fazenda Brumada dos Pavaes e, pouco mais tarde, a região veio a se tornar Povoado do Salitre, que posteriormente se juntou à Sesmaria do Esmeril, aumentando a condição política do local, até que em 1842 foi emancipada.

A partir do século XX a cidade passou a se desenvolver com a chegada da estrada de ferro em 1918 e, em 1940, começaram a ser implantados os melhoramentos urbanos como luz elétrica, asfalto, hospitais, etc. Mas foi durante a década de 70 que a cidade começou a se desenvolver com o plantio do café em grande escala, pelo incentivo do governo federal. Dentro desse período começa também a imigração, principalmente do Paraná e São Paulo, eram pessoas que compravam as terras e investiam na plantação do café.¹²

Com o café a cidade começou a se desenvolver, pois o fluxo de renda aumentava na medida que os trabalhadores iam chegando. Atualmente a cidade possui também outros tipos de empregos, mas não geram a riqueza proporcionada pelo café.

Patrocínio também é conhecida como a cidade que tem uma instância hidromineral muito rica. A principal da cidade está localizada no distrito de São João da Serra Negra. Ela está localizada a 18 quilômetros do centro e é conhecida pela boa qualidade da água mineral e lama sulfurosa. A água é revendida no Brasil e internacionalmente. São João da Serra Negra é um dos distritos da cidade, junto com ele estão os distritos de Silvano, Salitre

¹¹ Site da Prefeitura de Patrocínio www.empatrocínio.mg.gov.br. Acesso em 14/03/2004

¹² Anuário de Patrocínio: histórico, turístico e estatístico - 1999, ano 3, p.p. 29-31.

de Minas e Santa Luzia dos Barros¹³. Os distritos também são rodeados por plantações de café.

Como o café é a principal fonte de riquezas, dentro da cidade foram se instalando várias instituições que privilegiam o produtor, como o Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (Caccer), a Cooperativa dos Cafeicultores da Região do Cerrado (Coocafer), Associação dos Cafeicultores da Região do Cerrado (Acarpa). Além dessas foi constituído também o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Pequenos Produtores de Patrocínio¹⁴. A cidade possui revistas dedicadas à produção do café como a “Cafeicultura – A revista do Agronegócio Café”¹⁵, que é voltada somente para os interesses dos produtores, mostrando as melhores formas de cultivo, como escolher a melhor planta, a evolução do maquinário e qual o melhor. Uma revista de diagramação elaborada, com diversos assuntos de interesse do cafeicultor. Não há nela nenhuma preocupação em analisar as questões trabalhistas ou as relativas às condições de trabalho.

O município é pequeno, com uma população em torno de 73.000 habitantes, segundo o censo do IBGE realizado em 2000, possui uma área de 2.830 km², onde cerca de 80% da economia é voltada para o café que chega a empregar 8 mil pessoas inicialmente e este número pode aumentar para até 26 mil em época de colheita¹⁶.

O café é a maior fonte de emprego da cidade. Nele, parte da população encontra trabalho e salário, que é gasto na própria cidade. Sem o café essa população não consegue encontrar outro tipo de ocupação e, quando consegue, o salário é bem menor do que estão acostumados a ganhar. Na cidade existem outros tipos de empregos como construção civil e nas lavouras de milho, arroz, feijão e soja. Estas são chamadas pelos trabalhadores de “lavoura branca”, porque sua cor é diferente da cor escura do café. Porém o rendimento financeiro para os trabalhadores é bem menor se comparado com o café. A renda gerada pelo café trouxe mudanças para o município. A cidade passou por diversas transformações nos últimos dez anos, com a construção de novos bairros, aumento na população e criação de uma faculdade – FIT – Faculdades Integradas do Triângulo.

¹³ Dados retirados do “Anuário de Patrocínio” anos 2002/2003. 5ª edição.

¹⁴ Jornal O Tempo, Belo Horizonte, 13/09/2000, p. 7.

¹⁵ Cafeicultura – A revista do Agronegócio Café. Bimestral, ano 3, nº 8, abril de 2004.

¹⁶ “Crise do café castiga municípios do Triângulo”. Fala do secretário de agricultura Jose Renaldo da Cunha. *Jornal Correio*. Uberlândia, 09/11/2003, ano 65, nº 19.567, p. A7

Em matéria publicada no jornal Correio, em 2003, sobre uma crise que castigava o agronegócio nos municípios do Triângulo Mineiro, a fala do Secretário de Agricultura, José Reinaldo da Cunha, de Patrocínio, demonstra uma das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: “a cidade está passando por dificuldades sérias, principalmente em relação ao número de desempregados e à circulação de dinheiro no comércio local”¹⁷. Os próprios trabalhadores sentem esse desemprego no período que a safra acaba ou quando o produto encontra dificuldades no mercado.

Para a senhora Zélia¹⁸, trabalhadora do café desde 11 anos de idade, o café emprega muitas pessoas da cidade, mas quando a safra acaba:

*“... o desemprego é geral, é gente reclamando, sabe (...) vai tudo embora, ele – o fazendeiro – dispensa todo mundo e paga o direto, né, que a pessoa tem na safra e vai todo mundo embora, pronto (...) aí fica aquele paradão na cidade...”*¹⁹

A fala da depoente ressalta a relação visível entre a cidade e a produção do café, que seria responsável pelas transformações que a cidade vem passando nos últimos decênios.

O café traz para os trabalhadores a possibilidade de um salário regular durante boa parte do ano. O período de safra corresponde a sete meses, de março a outubro: dentro desse tempo o trabalho é garantido e após o desemprego aflige a cidade. A senhora Zélia fala que fez a opção de trabalhar com o café, pois é o que mais rende em dinheiro para o trabalhador.

Durante as minhas visitas na cidade fiz cinco entrevistas com pessoas com diferentes funções dentro do trabalho com o café. Todos esses trabalhadores se queixavam sobre a onda de desemprego fora da safra e que as dificuldades aumentavam nesse período. Fora da safra muitos desses homens e mulheres procuram serviço nas cidades vizinhas, em lavoura de soja, arroz e milho. Outros procuram emprego na cidade e outros ficam desempregados até o começo da próxima safra.

¹⁷ Idem, idem

¹⁸ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004.

¹⁹ Idem, idem

O desemprego assola a maioria da população brasileira, mas em uma cidade pequena ele transforma o cotidiano de todos, crianças, adultos e idosos. Meus entrevistados escolheram trabalhar com café pelo fato de não haver emprego para todos no município. Eles passavam por dificuldades financeiras, onde a fome era a maior ameaça. Optaram colher o café para ajudar a família que possuía poucos recursos.

A senhora Zélia que começou a trabalhar na lavoura quando tinha 11 anos, justifica sua opção porque precisava ajudar a família. Quando a questiono como era a vida naquela época, ou seja, nos anos 60 e 70, ela fica em silêncio e depois responde:

“... a vida naquela época, não era fácil não, (...) o dinheiro era pouco, nós era muito minino, né, 5 minino, 5 boca para alimentá, minha mãe trabalhava, todo mundo trabalhava, e a gente tinha que entrá cum serviço. pra pôde compra roupa, sabe, calçado, remédio...”

“Era difícil, nooossaaa, era uma vida, (...) a gente, fome, fome a gente num passava não, sabe, mais vontade de cume (risos), vontade de cume a gente passava, era difícil nossa vida, nossa vida sempre foi difícil...”²⁰

Zélia, também conhecida como Nenê, hoje com 47 anos, me conta que sua vida sempre foi marcada por dificuldades. No início ela começou a trabalhar como doméstica ajudando sua mãe, em seguida como babá, e depois com o café, pois, segundo ela é o que mais rende em dinheiro para o trabalhador rural.

No município, em 2000, cerca de 60% da população reside na zona urbana e 40% na zona rural. Segundo o Censo, em 1980, a população total era de 44.450 habitantes, sendo que 29.518 pessoas moravam na zona urbana e 14.827 na zona rural. Na década de 80 ainda não havia sido criado o bairro Serra Negra. Atualmente a maioria dos trabalhadores que panha o café reside nesse local. Um bairro formado clandestinamente por uma invasão, onde em 1991 existiam cerca de 1000 barracas de lona. A Prefeitura Municipal, após alguns meses de negociações com os proprietários da terra invadida (Fazenda Fugiminas) conseguiram organizar o bairro com 2.468 lotes residenciais e comerciais e áreas reservadas para praças e postos comunitários.

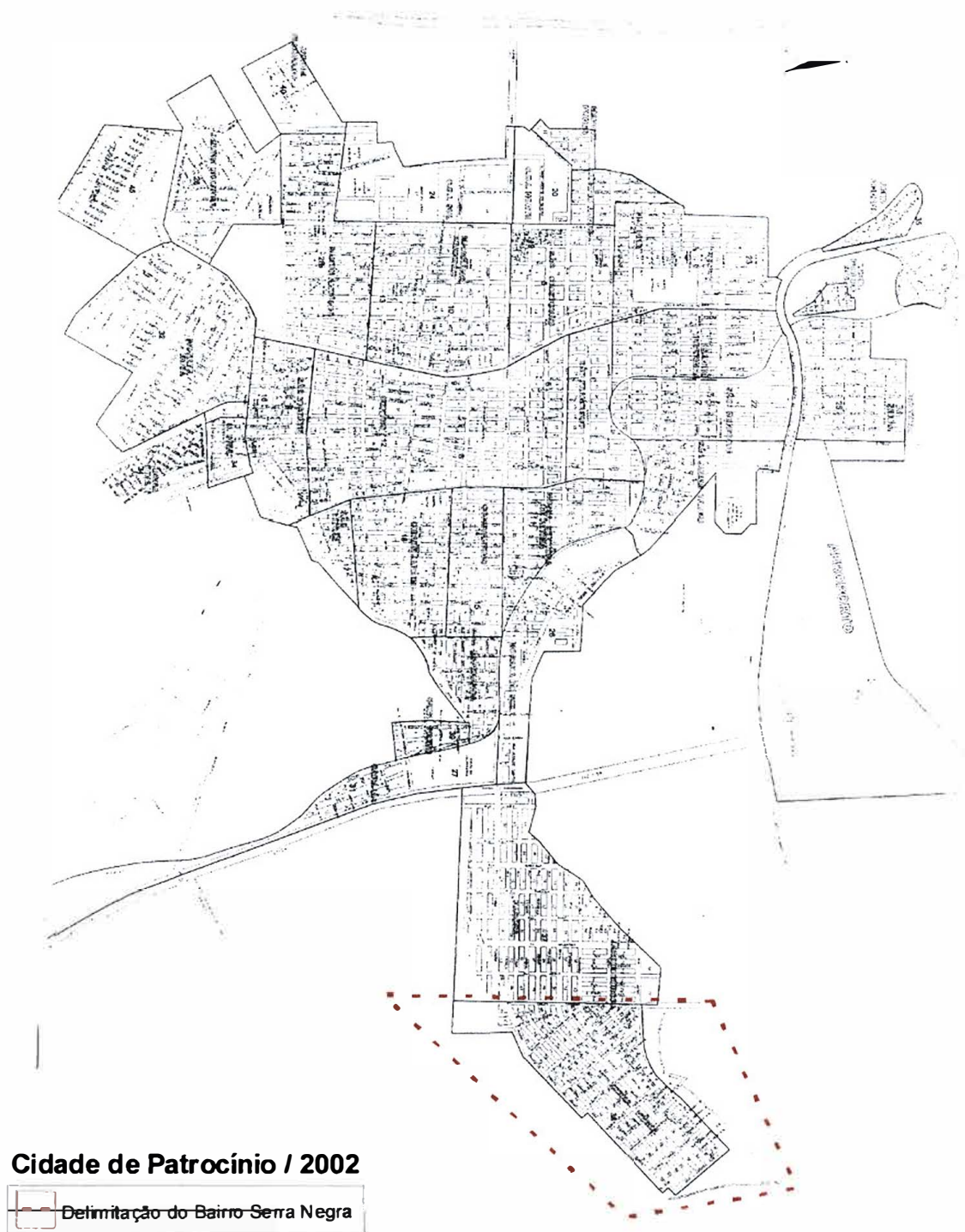
²⁰ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

Em 1992 os primeiros lotes foram entregues com ruas abertas e com o mínimo de infra-estrutura, e em setembro do mesmo ano foi inaugurada uma escola no bairro.

A construção das casas veio através de programas habitacionais do governo federal e municipal. Atualmente o Serra Negra está em expansão, pois a administração do prefeito Roberto Queiroz do Nascimento, na gestão 2001/2004, aumentou a quantidade de lotes distribuídos à população. Para a distribuição foram analisados alguns critérios: o pretendente deveria ter residência fixa a mais de 5 anos na cidade, emprego, ser casado e ter filhos. Atualmente o bairro já é considerado como o mais populoso da cidade.

Mesmo com uma população de cerca de 9 mil pessoas ainda são poucos os melhoramentos existentes. Os moradores reclamam do descaso do poder municipal em relação à falta de praças, escolas, creches e lugares para passeios.

É um bairro distante do centro da cidade e com um único ponto de ligação conforme vemos no mapa:



No mapa verificamos bem a distância entre o centro e o Serra Negra. Ao lado estão os bairros Jardim Europa e Nações, que também encontram – se de certa forma isolados no espaço urbano. O único ponto de ligação com a outra parte da cidade é através de uma ponte!

Segundo o último censo do IBGE, realizado em 2000, a população total o bairro é de 8.015 pessoas, sendo 4.168 homens e 3.847 mulheres. Criado em 1990 pela administração do prefeito Silas Brasileiro, a maioria dos lotes, situados nas ruas, e próximos às plantações, foi doada a famílias de baixa renda, enquanto os lotes nas avenidas foram comercializados.

Um lugar afastado, próximo às fazendas de café e com grande número de projetos habitacionais lançados pela Prefeitura, como o Mutirão da Casa Própria. Um lugar onde o cheiro do café está por toda parte, onde as fábricas que fazem a torrefação, moem e embalam o café estão instaladas, e também onde mora a população carente da cidade, que trabalha para sustentar a imagem do município como melhor produtor de café do interior.

O Serra Negra é, portanto, um bairro formado por pessoas humildes e simples, onde muitas casas são inacabadas, e cercadas por arames, sem muros. Onde os moradores ainda sofrem por falta de lugares para passeio nos finais de semana, onde o ônibus passa de hora em hora, e uma escola do bairro (Caic) serve também de posto de saúde, que está sempre cheio e com problemas na infra – estrutura.

A maioria dos trabalhadores do café que mora no bairro sofre preconceito e se sente discriminada pelas pessoas que moram no centro, e às vezes pelas próprias pessoas que as empregam. Muitos que moraram por algum tempo no Serra Negra, e hoje habitam em outro bairro, têm vergonha de admitir que moravam naquele lugar: é, portanto, um bairro discriminado por toda a cidade. Durante minhas idas ao local, com um familiar meu que mora na cidade, o mesmo me disse que o Serra Negra é considerado como o “fim do mundo”, um lugar cheio de ladrões e marginais.

A realidade é que durante as entrevistas com os moradores pude perceber que se criou um mito em torno desse bairro, pois muitos moradores são pessoas que trabalham o dia todo na colheita do café e à noite não encontram tempo para passear e se divertir. Eles moram nesse local, pois foi o único lugar que a Prefeitura disponibilizou para que

pudessem construir suas moradias através dos projetos habitacionais. Lá estão muitos bóias - frias do café.

Pela aparência, muitos moradores da cidade discriminam o trabalho rural e os próprios trabalhadores têm discriminado esse serviço, pois a panha do café sacrifica muito as pessoas: a sujeira dos pés, a resina das árvores e o estrago que acontece com as mãos, com rosto e com o corpo é muito grande. Além das mãos castigadas, da pele queimada pelo sol, os bóias - frias se identificam pelas roupas: o trabalho exige proteção e, nas idas e vindas das plantações de café, eles são facilmente reconhecidos, pelas roupas compridas, sobreposta, de mangas longas e pelo chapéu. A senhora Zélia relata uma situação vivida por ela que é enfrentada cotidianamente por muitos:

“... igual eu falei cum um cara riquim, sabe? Então nois tava passano, tava eu e minha cunhada, nois lá ia passano, e eles – o bóia fria – aí eu falei cum ele – olha, é o seguinte nois somo sim bóia fria, somo bóia fria, trabalhamo pra sustenta ocêis, porque se não fosse nois cêis num tinha comida na mesa...”

“... se não fosse o pobre lá trabaiano lá na lavora, se acha que tinha comida na mesa do rico?”²¹

O trabalhador tem consciência do seu valor na sociedade, e que seu trabalho é tão importante como qualquer outro. Na entrevista realizada com senhor Wagner Junior ²², que trabalha na panha do café, conseguimos perceber também essa discriminação:

“... as pessoa dicriminina dimais a gente, a gente que trabaia em lavora é muito discriminado, lavora é muito discriminado, é um serviço que ...que...porco...um serviço que não é serviço de gente, serviço de pessoa que que ...tipo assim...pessoa que passa dificuldade, olha a pessoa tá aí porque tá passano dificuldade, discrimina”.²³

²¹ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

²² Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

²³ Idem, idem

O senhor Wagner é trabalhador rural desde os 15 anos e a sua primeira atividade foi de bóia fria. Ele foi para lavoura porque na cidade não havia outro tipo de emprego para adolescentes como ele, seguiu, portanto, o caminho de sua mãe, também bóia fria desde os 9 anos. Uma das reclamações desses trabalhadores do café é essa discriminação que os moradores da cidade têm por eles, principalmente pela sujeira do serviço: a panha do café envolve praticamente todo o corpo, mãos, braços, rosto, pernas e pés ficam sacrificados, pois a resina presente no pé de café, e no próprio fruto, fica toda em suas roupas e se não houver proteção fica impregnada em seus corpos. O próprio Wagner me diz que chegava sempre tarde em casa e muito sujo.

Patrocínio sempre foi uma cidade onde a economia está voltada diretamente para o setor agrícola. Até o final da década de 50 predominava na cidade a pecuária extensiva. O café somente começou a ganhar destaque na cidade durante a década de 70, pois foi nesse período que o governo federal começou a incentivar o cultivo do café nas cidades do interior. Com o plantio do café, a cidade passou a empregar essas pessoas que moravam e estavam desempregadas na cidade e também a receber migrantes de outros lugares para o trabalho, mas a maioria que colhe, atualmente mora na cidade. Com a implantação da cafeicultura muitas pessoas dos estados de São Paulo, Paraná e Norte de Minas vieram para Patrocínio em busca de melhores condições de vida, movidas pela busca de trabalho na colheita do café.²⁴

Antes a cidade possuía muitas terras, mas não havia emprego para todos. Segundo sr José²⁵, no município, em 1960, não havia serviço e os homens tinham que procurar fora da cidade, no estado de São Paulo. Ele me conta que seu irmão (senhor Geraldo, que também foi entrevistado) e seu pai foram trabalhar em São Paulo:

“... em 60, em 1960 meu pai, o Geraldo mesmo saia daqui para trabaia em São Paulo, porque aqui dentro de Patrocino num existia serviço, tinha terra dimais mas num tinha serviço.”²⁶

²⁴ Informações retiradas de um trabalho publicado pela Prefeitura, “A Cidade e a Habitação”.

²⁵ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

²⁶ Idem, idem.

Com a chegada de migrantes e do aumento do serviço nas lavouras, a cidade passou a se desenvolver de forma rápida. Com os salários, o trabalhador passa a ter poder de compra e, com isso, o comércio melhora dentro da cidade. Como aumento do trabalho, a cidade passa a contar com sindicatos que procuram defender os direitos dos trabalhadores rurais e urbanos. Apesar da legislação federal estender direitos a todos os trabalhadores que devem usufruir de benefícios como a carteira assinada, a realidade no município é outra.

De acordo com os dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade, e em especial do Núcleo Trabalhista, 90% dos trabalhadores possuem carteira assinada, pois a legislação trabalhista obriga aos produtores tal documento. Mas na realidade o que acontece é diferente. O senhor José nos mostra que a contratação em duas fazendas no qual ele trabalha é feita através de contrato firmando por palavras, sem carteira assinada. Quando pergunto se na fazenda onde ele trabalha o patrão exige carteira, ele responde: *“lá nois num assinamo carteira não”*²⁷. E completa: *“é por contrato assim de preço... de preço por saca, né?”*²⁸

A informação do sindicato é totalmente divergente da realidade, apenas um dos trabalhadores entrevistados, senhor Wagner, me informou que alguns produtores assinam a carteira, mas o restante, para fugir das obrigações fiscais, ou talvez dos impostos, não a assinam. O município possui um Núcleo especial que analisa as questões trabalhistas denominado de Núcleo Intersindical de Conciliação Trabalhista Rural de Patrocínio – NINTER – que é um órgão federal dentro do sindicato, que procura conciliar as relações produtor / trabalhadores rurais, relacionados aos problemas que ocorrem com direitos trabalhistas não pagos ou pagos de forma incorreta. O NINTER, criado desde 1994, visa, portanto, resolver os problemas no setor rural sem que haja necessidade do trabalhador procurar diretamente a Justiça do Trabalho. Somente alguns casos que não conseguem serem solucionados é que são direcionados para a justiça.

A maioria dos produtores são pessoas importantes na cidade, famílias tradicionais donos das terras. Podemos citar, entre eles, o próprio Prefeito da administração 2001/2004, senhor Roberto Queiroz do Nascimento, conhecido como Betinho. Em conversa, não gravada, com o senhor Jose Carlos Gross²⁹, secretário do NINTER, o mesmo me informou

²⁷ Idem, idem.

²⁸ Idem, idem.

²⁹ José Carlos Gross. Em conversa no dia 14/03/2004, na sede do sindicato.

que não seria possível pesquisar nos arquivos do núcleo, pois existiam pessoas importantes da cidade que não poderiam ter seus nomes citados em um projeto monográfico, pois isso poderia causar grandes problemas para o sindicato. Ao analisar essa fala pude perceber que nos arquivos havia mais que um simples projeto de conciliação, como era divulgado, e sim casos que poderiam ter ido à justiça com graves consequências para o empregador e talvez para o próprio trabalhador. As brigas judiciais não foram, durante a conversa, citadas. Quando questionava sobre a possibilidade de haver alguma, o senhor Jose Carlos mudava de assunto rapidamente e dizia que isso nunca havia acontecido após a criação do núcleo e durante o seu mandato como secretário.

O município possui, de acordo com a “*administração fazendária. 3.345 produtores inscritos, com 670 propriedades, num total de 37.537 hectares*”³⁰ que produziram, na última safra (de 2002), cerca de 3.500.000 sacas de café. A cidade possui atualmente outras formas de cultivo, além da apicultura, avicultura, suinocultura e pecuária, mas o carro chefe é a produção do café. Vejamos a tabela divulgada pela Emater com análise da exploração agrícola sobre as safras de 2001/2002.

Produção agrícola no município de Patrocínio – 2002/2003

Exploração	Área em hectares	Toneladas	Rendimento médio em KG/HA
Milho em grãos	12.000	57.600	4.800
Milho em silagem	-	-	-
Arroz	250	390	1.680
Silagem	-	-	-
Feijão	200	312	1.560
Soja	5.000	13.5	2.700
Algodão	450	877	1.950
Olerícolas	198	5.855	156.000
Fruticultura	133.2	1.644	56.750
Café	37.537	570.562	15.2 sc de 60 kg

Fonte: Anuário de Patrocínio – 2002/2003 – 5ª Edição.

³⁰ Dados retirados do “Anuário de Patrocínio” anos 2002/2003.

Como podemos verificar, pela grande quantidade de sacas colhidas, o café está em primeiro lugar nas plantações com cerca de 570.562 mil toneladas por safra, onde a quantidade de empregos chega a ser de até 26 mil pessoas³¹. Em segundo lugar aparece o milho, mas em quantidade bem menor, seja em área plantada, seja em toneladas produzidas.

A cidade é conhecida como uma das melhores produtora de café do Alto Paranaíba, e os próprios trabalhadores a vêem dessa forma: *“o café é o primeiro, o café aqui em Patrocinio, aqui a região nossa aqui é um dos melhor café do Brasil”*³²

A colheita de café na fazenda em que senhor José trabalha colhe cerca de dez a doze mil sacos de café cereja (café maduro) por ano. Cada saca de café tem aproximadamente 60 litros e cada trabalhador colhe, em média, sete a dez sacos de café ao dia. Dependendo do valor do café, pago pelo produtor, eles chegam a ganhar de 600 a 800 reais em mês de trabalho. Mas esse valor varia na fala desses “panhadores”, e chegam até a 1 000 reais a quinzena, mas na realidade não é possível informar o valor correto do salário pago a eles. A supervalorização do serviço de bóia-fria pelos próprios bóias-frias demonstra que eles se valorizam e querem mostrar sua contribuição na cidade.

Existem diferentes qualidades de café, cada uma possui um valor de mercado. O melhor em termos de rendimento (dinheiro para o trabalhador) é o café cutai vermelho ou o cutai amarelo, o que rende menos é o café mundo novo, pela dificuldade na panha e por ser menos gráudo, proporcionando ao bóia – fria um grau maior de dificuldade e mais trabalho na colheita.

Mesmo tendo em vista as dificuldades enfrentadas na panha, os trabalhadores se sentem realizados com o serviço. Quando pergunto ao senhor José se ele vê alguma melhora na sua vida com o café, ele responde:

“Eu me sinto hoje muito realizado, né? Porque hoje praticamente eu tenho onde morá, eu posso fica dois, três meis a toa. Por exemplo, caba o serviço eu posso fica dois, três meis a toa, que eu não vou passa fome, né? Eu tenho com que

³¹ “Crise do café castiga municípios do Triângulo”. *Jornal Correio*, 09/11/2003, ano 65, nº 19.567, p. A7

³² José Firmino dos Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004.

recurso pa podê, e na época que eu comecei não, tinha que trabaia hoje pa come amanhã, se eu faiasse num tinha jeito ” ³³

Podemos perceber que é através do café que os trabalhadores conseguem manter a casa e a família. Comparando com alguns anos atrás, o senhor José alega que as dificuldades eram maiores, que se ele faltasse do serviço perderia aquele dinheiro recebido no dia. No seu caso, que atualmente trabalha em um serviço fixo, não tem a necessidade de procurar por novo trabalho quando a safra acaba. Seu cotidiano é mantido tanto em período de safra ou entressafra. Mesmo com a entressafra, muitos trabalhadores não se queixam do valor recebido no tempo de colheita e vêem melhorias em sua vida:

“a panha do café, ela é uma coisa que te dá muito dinheiro, sabe? Dá pro cê comprá muita coisa, fazê muita coisa e ... e ...ocê trabalha por exemplo de doméstica, cê ganha um salário, cê trabalha o mês inteiro e pega aí 260 reais, se, né, a patroa pagá isso. E cê vai pra panha do café, cê trabalha 15 dia e cê pega 300 reais, entendeu, então é melhor é cê panhá o café...” ³⁴

Pelo que proporciona em termos de salários, apesar de ser uma atividade que exige muito, os trabalhadores preferem a panha a um serviço na cidade, pois o valor pago pela saca de 60 litros de café e por 15 dias trabalhados é maior que o salário recebido em 30 dias em qualquer outro emprego. Quando começa a época de safra, os trabalhadores que estão empregados na cidade muitas vezes largam o serviço e preferem ir para a colheita, pois eles sabem que a renda durante os meses de safra irá aumentar:

“pedreiro, servente....trabaiano lá, porque lá vai até muito tempo de serviço e se eu largá lá, fica ruim pra mim. Só que é o seguinte: de tudo, se eu ganhá menos aqui, vô tê qui...frenquentá o café.” ³⁵

³³ José Firmino dos Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004.

³⁴ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

³⁵ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

A renda gerada nesse período aumenta o movimento no comércio local e, em consequência, a economia da cidade. Quando está em época de safra a cidade fica sem pessoas para trabalhar na construção civil, os trabalhadores preferem a colheita do café deixando o serviço da cidade, que é visto como uma segunda opção, para depois da colheita:

“...na época do ...do...da panha do café, só tem isso, o povo só frequenta isso, só café, na cidade fica até sem serviço, os pedreiro, precisa de gente pa trabaia, o povo tá mais pra lavora , ia chegá nessa época de outubro, dezembro, janero , de fevereiro, até meis de março, sem serviço, rui mais rui mesmo. A pessoa passa até dificuldade da vida, que nois necessita do café por causa disso ”³⁶

Durante o período de entressafra a maioria dos trabalhadores que moram na cidade ficam desempregados, alguns vão procurar fora da cidade, deixando o município vazio e por esse motivo começa a queda no comércio local

Com adoção do maquinário nos últimos anos, muitos produtores estão preferindo colher o café através das máquinas do que a através dos trabalhadores. Segundo o senhor José, que trabalha com a administração da colheita e diretamente com o produtor, ele – o produtor - prefere a máquina, pois, uma vez comprada, ele não terá problemas mais com o trabalhador. Mas a colheita com a máquina não substitui totalmente o trabalhador, sempre será necessário à contratação de mão de obra:

“Não, ela...ela pode panhá bem do jeito que fô, mas sempre há necessidade de mão de obra. é o panhadô, né. Sempre tem necessidade, se ocê passa a máquina hoje na lavora, cê tem que voltá recatano, cai muito no chão, a não ser que cê queira perdê aquilo, prejuízo, porque lá mesmo – na fazenda onde ele trabalha – lá é um prejuízo, porque todo ano eu perco em media 25 . 30 saca de café limpo, na lavora, que nois panha no pano não rastela nem nada, só faiz panha. ”³⁷

³⁶ Idem. Idem

³⁷ José Firmino dos Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004.

Muito café é desperdiçado com as máquinas, mas o cafeicultor prefere o desperdício a pagar os direitos ao trabalhador, dessa forma a panha é mais rápida e eficiente. Com o uso da máquina, chamados pelos “panhadores” de “urso branco”, o café já sai limpo e ensacado, acabando por ser mais eficiente que o homem. Quando a fazendeiro faz a opção de comprar o maquinário, o trabalhador sente o seu serviço ameaçado: a máquina prejudica o trabalhador rural que depende desse serviço para sustentar sua família. O senhor José também descreve como é a panha com o urso branco: na fazenda onde ele trabalha são três máquinas fazendo o serviço do homem, ele fala que nesse lugar o fazendeiro não rastela mais o chão onde cai o café, somente passa a máquina:

“nem rastelá nois rastela, nois só panhamo no pano, larga pra lá, e ali por isso é que tá o desemprego, hoje tá muito. Na safra... a safra quebrô muito, né, quebrô muito a safra pois causa disso, tem... tem essa máquina, tem o urso branco, tem o sopradô, né, aumentô 3 máquina além do bóia fria, aumentô 3 máquina, pra panhar café. Tem muitos passando duas veis antes do café cai, passada duas veis, a colhedeira, passa ela pra lá, vorta cum ela panha o resto, ai já num usa nem ...nem passa o urso branco, já num usa”³⁸

Existe uma grande dificuldade para o trabalhador em competir com a máquina, mas apesar de tudo eles permanecem nesse serviço, pois gera salário para sustentar suas famílias.

Muitos trabalhadores do café passam diariamente por dificuldades dentro da colheita e fora dela, mas isso não os impede de continuar procurando melhorar suas vidas, sendo essa melhoria vinda ou não com o café.

O trabalho no cafezal é árduo. Muitas são as dificuldades enfrentadas e é no cotidiano vivido pelos trabalhadores nos seus locais de trabalho que eles vão se assumindo como sujeitos sociais que compartilham não só dificuldades, como emoções, expectativas e sonhos

³⁸ José Firmino dos Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004.

CAPITULO II

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO CAFEZAL: VÁRIAS VIDAS E MUITAS LUTAS.

“nois vai pelos ponto de..de..pegá os caminhão perguntando os gato como é que tá o preço, se num tem fiscal, se num tem encheção de saco...”³⁹(Wagner Junior, trabalhador das lavouras de café)

O trabalhador do café tem que levantar cedo: cerca de 4 horas a 5 horas da madrugada. Com sua marmita já pronta, vai para os pontos onde passam os caminhões e ônibus que os levam para o seu destino. As fazendas não são muito distantes da cidade. Com grande quantidade de café para ser colhido, o trabalho é duro e puxado. Chegando no local certo, cada trabalhador é direcionado para sua rua (onde ficam os pés de café) para que comece a colheita. Seja debaixo de sol ou de chuva eles estão lá.

As roupas e os acessórios de segurança são obrigatórios, mas não são fornecidas pelo cafeicultor e sim trazidas de casa, algumas após a panha não tem mais utilização. O almoço é esquentado por volta das 10h e 30 da manhã: é feito um fogo dentro do cafezal onde todos esquentam o almoço e tiram uma pausa para se alimentar. É onde o bóia fria deixa de ser bóia fria e passa a ser visto como um trabalhador rural. Mas o trabalho não para e cerca de uma hora depois a colheita recomeça. Entre as 17 horas e 18 horas o “panhador” começa recolher suas ferramentas para voltar para casa. Mas esse horário não é para todas as fazenda de café, há casos em que esses trabalhadores saem por volta das 16 horas. Todos os dias essa rotina permanece enquanto for período de safra, mas a partir do momento que ela termina, o trabalhador passa pelo fantasma do desemprego.

³⁹Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

Apesar de todas as dificuldades, o trabalho no campo é considerado por muitos como divertido e animado:

“... aquilo – a panha – é aquela farra, brincadeira o dia inteiro, muito bom, rui é que cê tem que levanta muito cedo. Cê todo dia cê levanta ai 4 hora da manhã pa pega caminhão, tempo do frio tempo de geada, sabe, já teve veis de chegá na roça e num dá conta de trabaia por causa da geada. Tem que acendê fogo pra esquentá a mão, pra...esperá o sol esquentá, pra depois colhe o café, cai o orvaio pra depois começa panhá, né.”⁴⁰

Os trabalhadores, durante o período de safra, passam por muitas dificuldades em relação às condições de trabalho na panha do café. A colheita no município dura cerca de sete meses, durante esse tempo eles acordam às 4 horas ou 5 horas da madrugada para se direcionarem aos pontos onde vão pegar o ônibus ou caminhão que vai levá-los para seu destino: as fazendas de café. Esses pontos ficam distribuídos próximo às fazendas, e também em volta do bairro Serra Negra. Aquele trabalhador que se direcionar para algum deles irá perguntar para cada motorista, ou fiscal, quanto o fazendeiro está pagando pela saca do café. Os valores podem variar de R\$ 1,50 a R\$ 10,00 dependendo da qualidade do café.

O fiscal também escolhe quais pessoas ele deve levar. Quando pergunto ao sr José como ele escolhe o pessoal, ele responde: *“o que fô entrano dentro da condução vai embora, né. Agora aquele mais rui, aqueles, a pessoa problemático na hora a gente já dispensa de tarde”*. Para ele, pessoas consideradas problemáticas seriam aquelas que ao longo do dia de trabalho vão colhendo o café para a fazenda e para eles, segundo o sr Jose: *“panha um tanto de café, leva nas vazia, enche até garrafa d'água, galão de água de café”*. São trabalhadores considerados pelos fiscais como ladrões das fazendas, pois não fazem o serviço certo e ainda roubam do fazendeiro. Essa realidade esta ligada diretamente com as condições de vida do trabalhador rural, que passa a ser expropriado dos seus meios

⁴⁰ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

de produção, sendo que cada dia que passa recebe um valor menor pela sua força de trabalho.

Dessa forma os trabalhadores vão escolhendo para qual lavoura vão-se direcionar. Muitos trabalham com os mesmo fazendeiros por muito tempo, na maioria das vezes são patrões considerados bons pelos “panhadores” e que pagam o valor correto pela saca de café, ou seja, não exigem demais do trabalhador. Se o valor pago pelo café estiver abaixo do valor de mercado, eles esperam o próximo caminhão.

Chegando no local específico, são direcionados para as ruas, lugares onde estão os pés de café, para que comecem as colheitas. Cada trabalhador fica com a responsabilidade de colher, limpar e ensacar o café, as ruas também devem ficar limpas, o chão tem que ser rastelado e os galhos do pé de café não podem ser quebrados:

“tem que dexe limpim, o rastelamento certim, se tive algum grão. pé de café, no pé tem que volta pra recatá (silêncio) tem qui, vamo supô deixá o pé de café num mei do lerão, tem que voltá pra recatá, num pode dexá, porque prejudica o café tamem, prejudica por causa do bicho do café.”⁴¹

O trabalho não para, sendo chuva, geada ou sol, o panhador deve estar nas fazendas para começar a panha às 7 horas da manhã:

“Quando começava a colhê o café, era chuva, cê trabaia o dia inteiro debaixo de chuva. Tem mais uma coisa: se num tem direito de esconde de chuva. Já trabaiei numa fazenda, começava chove cê tinha que trabalha dia inteiro debaixo de chuva, cê num precisa escondê, só se fo uma chuva muito forte, muito pesada, do contrario, não vai pra rua, do contrario cê tinha que ficá ali!”⁴²

⁴¹ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁴² Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

O serviço não para, mesmo sendo debaixo de chuva. Somente no horário do almoço é que se tem uma pausa para o descanso. O almoço é esquentado por volta das 10 horas, a comida somente é fria quando está chovendo. O bóia – fria ficou conhecido por esse nome pelo fato de comer em marmitas frias. Mas para os trabalhadores, na maioria das vezes, o almoço é esquentado no próprio cafezal, onde se faz um fogo, para que todos não almocem comida fria.

“Hoje acende e... o motorista acende o fogo. No tempo do bóia - fria mesmo, cada um tinha que se virá para cume. Aquele que num quisesse isquentá cumia frio, sabe? E hoje não o...o próprio cara que puxa o povo (motorista), deu ali lá pra 9 horas, 10 hora ele já acende um fogo, faiz fogueirona. né, faiz uma fogueira esparrama aquele mundo de brasa, assim (mostrando como é esparramado as brasas), sabe? Na hora do almoço e ai todo mundo vem joga as marmita ali pra esquentá.”⁴³

Não comer comida fria para esses trabalhadores significa um valor importante. Segundo Angelotti *“o ato de esquentar o almoço constitui-se como uma resistência ao termo bóia-fria”*⁴⁴. Ao se alimentar de comida quente eles “deixam” de ser bóias-frias para ser tomarem trabalhadores do café, recuperando uma dignidade perdida.

Após o almoço os “panhadores” voltam à colheita, para parar somente entre as 17 horas e 18 horas. Segundo o sr Wagner o trabalho na fazenda de café é bastante cansativo, pois eles acordam bastante cedo e chegam em casa tarde. Ele alega que não conseguiu concluir o primeiro grau porque chegava cansado e muito sujo em casa.

Os trabalhadores se esforçam bastante para colher uma maior quantidade de sacas, pois, quanto maior for à quantidade colhida melhor será o que eles ganham:

“O café é o seguinte, 15 dia, 15 dia a gente recebe, de 15 em 15 dia. É uma porcentagem de 600, às veis cê ganha até 1000 reais, de 15 dia, até 1000 reais.

⁴³ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁴⁴ ANGELOTTI, Maria do Carmo Andréia. **Trabalhadores bóias-frias: Experiências Rurais e Urbanas em Araguari-MG**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. São Paulo. 2001. PP 71.

*Eu já cheguei a ganha 800 reais por veis, tipo assim, o café de 1.50, o café de 1.50, vamo supô, o café de 1.50 iem que tirá 20 saca pra tira 25.00 reais, né! Então o café agora de 2.00 reais, 10 saca dá 25 reais, já aumentô. O café de 3.00 real, 10 saca já dá 30.00 real. Se tira uma faixa de 30 real por dia, já tá bão, 40 reais tá bão. Agora café quanto mais aumenta pra gente melhor, é porque a gente necessita do café por causa disso, pra trabaia.*⁴⁵

Cada trabalhador, então, tenta colher uma maior quantidade de sacas possível. Muitas vezes eles conseguem colher cerca de 8 a 10 sacas ao dia e, dependendo do valor pago pela saca, recebem de R\$ 400.00 a 600.00 a quinzena. A panha do café proporciona aos trabalhadores maior rendimento em termos de salário do que um emprego fixo na cidade. Apesar de toda dificuldade passada no período de colheita, eles preferem o café:

*“...tinha caboco que tirou lá, que ganhava ali, 80.100 reais por dia, lá na lavoura que eu tomo conta, né. Tinha gente que fazia isso, agora ce vê hoje, né, teve gente lá que teve 8 dias comigo que tiro 1.600 reais, né.”*⁴⁶

Na fala, para reafirmar a positividade do trabalho aponta-se o máximo que o trabalhador chega a ganhar. Mas quantos ganham R\$ 1.600,00 em 08 dias? Dessa forma, eles, procuram se (re)afirmar como sujeitos sociais em uma sociedade em constante mudança. Segundo Antonio de Almeida, devemos entender os trabalhadores:

*“como pessoas que sobrevivem do seu próprio esforço e que, no confronto entre capital e trabalho, num contexto mais amplo do processo de proletarianização, identificam-se enquanto sujeitos coletivos com valores e interesses comuns, ao mesmo tempo em que se situam num campo oposto ao daqueles que se beneficiam com as praticas de acumulação”.*⁴⁷

⁴⁵ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁴⁶ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁴⁷ ALMEIDA, Antonio de. **Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva**. In MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (org.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Programa de Mestrado em Historia UFU. Uberlândia/MG: EDUFU, 2001, PP 36-37.

Ano no de 2004 o valor pago pela saca de 60 litros estava em tomo de R\$ 10.00 por saca. Porém esse valor pode variar de acordo com o mercado, com a qualidade do café e com a safra. Café com grãos mais graúdos levam um rendimento melhor, pois, o trabalhador não precisa de tanto esforço físico para panhar, grãos menores levam a um maior tempo na panha e em consequência mais tempo para encher as sacas e mais trabalho.

Cada fazenda estipula a quantidade de litros de deverá conter uma saca, em média a maioria dos produtores calcula que tem que conter 60 litros. Mas muitos fazendeiros aumentam essa quantidade para 65 até 80 litros.

“A medida certa do café é 60 litro, cê tá entendeno? É 60 litro, cê põe 60 litro na saca e fais a marca nela, e daquela risca cê risca todas, sabe, então aquilo ali é a medida é 60 litro. Agora tem muitos fazendeiro aqui que tem medida de 70, medida até de 80 litro (...) a minha medida mesmo, da fazenda que eu tomo conta, ela é de 65 litro.”⁴⁸

Segundo essa fala do sr José, as fazendas na qual ele trabalha estipulam uma saca com 65 litros. Quando questiono se os panhadores concordam com essa medida ele responde e depois justifica essa quantidade:

“ Já sabe. Eu aviso pra eles. Eles é : sô Zé essa medida do sr tá muito. Não, a minha medida tá... ela passa mesmo, ela passa mesmo, mas o que... eu falo pra eles, falo: - ó gente o caso é o seguinte, eu ponho mais 5 litro amais porque aquela sacaria que tá mais baixa eu sei que ela tá com 60 litro, então eu pego ela. Ela num precisa tá na risca pra mim pegá ela, cê ta entendeno? Porque eu sei a medida que é, porque eu ponho ela a mais, já é porque se caboco põe ela mais baixo, eu jogo ela dentro. (...) se eu fo pô ela com 50 litro o bóia – fria me entrega ela com 55,50 ,55 litro. Então, é por isso cê tem que pô ela a mais, eu ponho ela a mais, agora muitos já me ameaço: eu vô levá a sacaria no sindicato, tal. Eu falo: leva!”⁴⁹

⁴⁸ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁴⁹ Idem, Idem

O sr José alega que os panhadores aceitam de forma tranqüila a saca com 65 litros, mas em sua ultima fala percebemos que a realidade não funciona dessa forma. Alguns trabalhadores se revoltam com a sacaria de 65 litros e até ameaçam procurar seus direitos no sindicato. Ele informa que estipula a saca com maior quantidade porque se o panhador não conseguir completá-la, ele também a aceita. Mas quando eles conseguem completar a saca com 65 litros, ele não paga a diferença do valor para esses trabalhadores. Dessa forma o produtor ganha um valor maior por causa da porcentagem a mais nas sacas.

A sra Zélia, que sempre trabalhou junto com sr Jose, me fala que ele sempre foi muito rígido com seu panhadores: *“...ele era muito bruto, era não, até hoje é muito rígido”* *“...se não fosse 60 litro ele num pegava, e a gente arrumava 60 litro e ele queria 72.”*⁵⁰ Porém nunca paga a diferença para eles.

Segundo sr Wagner a saca com 60 litros é a quantidade correta que o trabalhador dever colher, quando eles se direcionam para os pontos de ônibus questionam ao fiscal se “a saca é grande”, se contem mais que o permitido:

*“tem a medida, a saca sempre tem que ser 60 litro, num pode passa de 60 litro não. Se passa de 60 litro, não tem a marquinha na saca, se passa daquela lá a pessoa já pode levá na justiça. Num tem condições de enche a saca de café e passa da lista, que é 60, 75 litro: é muita coisa (...) dá outra meia saca, dá quais uma saca e meia, aí tem que sê 60 litro a normal. É de 60 litro e num pode passa não”.*⁵¹

A situação do panhador de café é de revolta em relação a exploração sobre a sacaria de 70 litros. O valor pago pela saca sempre é o mesmo, não importando quantos litros contém. Para eles, a solução contra essa situação, onde o fazendeiro aumenta em excesso a quantidade de litros de uma saca, seria procurar o sindicato e, em seguida, a justiça. Mas, ao levar o fazendeiro na justiça, eles correm o risco de ficarem desempregados. A cidade está rodeada por fazendas de café, o produtor que conhecer algum trabalhador que levou

⁵⁰ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁵¹ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

seus patrões na justiça não o emprega mais. Para o “panhador” não compensa levar o fazendeiro na justiça, pois, *“num consegue trabalhá, num consegue trabalhá mais”*⁵². Dessa forma muitos trabalhadores aceitam essa forma de exploração do cafeicultor e acabam ficando sem solução para a sacaria alta.

A maioria dos trabalhadores reclama das condições do trabalho à que são submetidos. A panha estraga bastante o corpo e principalmente as mãos, eles são obrigados a usar várias roupas para cobrir o corpo, como: camisas de manga longa, chapéus, calças jeans, botas e luvas. O cafeicultor é obrigado a fornecer as roupas de proteção para a colheita, mas não cumpre essa obrigação. Quando cumpre o valor é descontando no salário do “panhador” de café:

*“o fazendeiro não dá roupa, era obrigatório dá pra nois. Boné é obrigatório usá, roupa cumprida, blusa cumprida, pra num pegá doença por causa do veneno... Na época do café eles (o fazendeiro) joga muito veneno, muito veneno por causa das foia, pra num estragá o pé de café pa panha (...) roupa, daqui de casa a gente leva.”*⁵³

As roupas são de grande importância para o trabalhador e tendem a não mostrar a diferenciação entre homens e mulheres no ato da panha, evitando a competição entre eles e deixando todos como iguais. Elas protegem o corpo do “panhador” dos agrotóxicos que são pulverizados nos pés de café, para evitar as pragas como brocas e bichos e algumas vezes até cobras que estão no meio da plantação. Sem a proteção da roupa o trabalhador ficaria exposto a doenças que podem ser transmitidas através do veneno e de animais peçonhentos.

Os panos utilizados para colocarem embaixo do pé de café para que o fruto caia, também é o trabalhador que tem que ter. A fazenda não fornece nenhum material para a colheita, são os próprios trabalhadores que devem levar.

A colheita do café prejudica muito o corpo, durante a panha, o café libera uma nódoa que toma conta do corpo e aqueles que são despreparados têm a pele das mãos arrancadas,

⁵² Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁵³ Idem. Idem

principalmente se a plantação for nova (primeira colheita), onde os galhos ainda são bastante rígidos e ásperos:

“estraga tudo...tudo...fica aquele melado, que o café tem mel, né. Aquele líquido, alá, rui pra sai, num desprega, prega na gente assim (mostrando no corpo como fica o melado do café), os cabelo da...do braço da gente assim chega tudo fica impelotado, de tanto mel.”⁵⁴

Esse melado é a nódoa do café, sem as roupas de proteção o panhador fica com o corpo coberto de seiva que atrapalha o desempenho durante a panha. Após a colheita, o trabalhador deve limpar o café para que não seja ensacado com folhas e paus e também deve ficar limpo embaixo do próprio pé de café. Depois que é colhido, o café é abanado em peneiras grandes para sair a sujeira, para depois ser ensacado. Deve-se fazer também a recata, onde os “panhadores” voltam a olhar para o pé de café, e em volta, para certificar se não sobrou nenhum grão no pé ou no chão. Segundo a Sra Zélia, o café passa por várias fases após a panha:

“ce passa o dia inteiro tombando café, pra ele secá, depois ele tá, nem muito seco, nem muito verde. Ai cê joga no secado, pra cabá de secá”⁵⁵

Com isso o café é seco e ensacado, para depois ser enviado para a torrefação que acontece o próprio município. Muitos fazendeiros são donos dos locais que beneficiam o café, que será distribuído na cidade e também em outros e Estados , chegando até a exportação.

Muitos trabalhadores não possuem carteira assinada, o contrato é realizado por saca colhida, quanto maior a quantidade de sacas colhidas maior é o ganho. A legislação trabalhista atual obriga aos produtores assinarem a carteira dos seus contratados. A informação divulgada pelo sindicato é que 90% dos trabalhadores da região possuem tal documento. Mas a realidade do município é bastante diferente do que é divulgado, às vezes

⁵⁴ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁵⁵ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

o cafeicultor avisa que irá assinar a carteira, mas no final da panha acaba por não assinar e deixa, dessa forma, de pagar as garantias do trabalhador:

“paga só o fundo de garantia, tem que pagá do tempo de... de casa e da panha do café que é feita. A porcentagem do café ele num paga, e chega até a gente levá no pau, leva na justiça pra recebe. A maioria dos fazendeiro tá tudo aqui por perto tá desse jeito. Não deixa ... e põe muito fiscal em redó do agriculto.”⁵⁶

Na fala podemos perceber a indignação do trabalhador com seus direitos que não são pagos corretamente, no final da colheita eles esperam receber aquilo que lhe pertence por direito mas, muitas vezes não recebem nem o salário, pois o responsável pelo pagamento é o fiscal ou o gato que em algumas vezes ficam com o dinheiro do trabalhador.

Durante uma visita⁵⁷ realizada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade, pude perceber que o sindicato é muito utilizado, existem benefícios que são oferecidos a eles com um preço mais barato do que o praticado no mercado. Serviços de saúde como tratamentos médicos e dentários, fazem com que muitos se associem ao sindicato, mas serviços de advocacia não satisfazem os trabalhadores, porque, para eles, os advogados são coligados com os fazendeiros:

“Tem advogado, se tem algum problema tem advogado, mas daqui Patrocino num presta, sindicato daqui num presta” “Num presta porque aqui muitas pessoas já ... aqui os fazendeiro é coliado com ca.... Tipo assim acontece alguma coisa de errado e a pessoa leva no pau, na justiça, aqui es apóia o fazendeiro e não o trabaiaadó, e se nois fô em Patos de Minas ou em Coromandel (silencio) aí já dá certo”⁵⁸

O trabalhador tem medo de procurar o sindicato para questões judiciais em relação a pagamentos de salários e direitos. Pois para eles o sindicato está coligado com os fazendeiros, e eles, processando algum, não irão mais conseguir emprego na região. Sendo

⁵⁶ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁵⁷ Realizada no dia 14/03/2004

⁵⁸ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

assim ficariam desempregados e deixariam de exercer a função que lhes proporciona maior rendimento em termos de salário. Sem o café, o trabalhador não consegue outro emprego que rende tanto como o café, isso levaria a uma queda na forma de vida desses trabalhadores, e em consequência uma queda na economia do município.

Alguns fazendeiros da cidade preferem contratar pessoas de fora do município para a colheita do café. São migrantes que vêm do Norte de Minas, Montes Claros, Pirapora e Bahia. Para o produtor, trazer pessoas de outras regiões compensa mais em termos financeiros do que um “panhador” do município, porque *“eles tão quereno preço alto dimais, e fica criano causo, pra podê levá a pessoas no sindicato, pra podê recebe direito”*.⁵⁹ O trabalhador não tem mais o direito de procurar seus próprios direitos com o sindicato. Quando algum panhador ameaça o produtor a procurar o sindicato, eles correm o risco de perder o emprego que os mantém. Portanto, muitos trabalhadores preferem acatar a decisão do produtor pensando no futuro. Esse ato leva o trabalhador a se acomodar com a exploração cada vez mais freqüente do fazendeiro, deixando assim de lutar pelos seus direitos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas na panha e de ser um trabalho instável e sem garantias, eles preferem o café a um emprego fixo na cidade. *“(O) fato de ganhar mais é importante para esses trabalhadores, pois vêem –se diante de uma condição que exige o pagamento de diversas tarifas, serviços (...), que exige mais do orçamento familiar (...) o trabalho rural, especialmente a colheita de café, permite esse ganho maior em alguns períodos do ano”*.⁶⁰

O emprego na cidade oferece somente um salário mínimo por mês, enquanto o café, cerca de até 2 salários por quinzena trabalhada. Enquanto nas fazendas o “panhador” irá receber cerca de R\$ 400.00 à 600.00 (dependendo da safra), por 15 dias trabalhados, na cidade eles estariam ganhando 1 ou 2 salários mínimos por mês. Mas a quinzena pode variar entre 15 a 20 dias. Muitos fazendeiros aumentam esse tempo e o trabalhador fica esperando receber com 15 dias, mas não recebe: *“... a quinzena des hoje tá de 20 dias, e o*

⁵⁹ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁶⁰ ANGELOTTI, Maria do Carmo Andréia. **Trabalhadores bóias-frias: Experiências Rurais e Urbanas em Araguari-MG**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. São Paulo, 2001. PP 104.

*pagamento es marca de 15 dias, mas o pagamento quando eu chego pa fazê tá com 20.22 dias”.*⁶¹

O pagamento pode ser feito pelo fiscal, gato ou o administrador (uma pessoa responsável por fazer os pagamentos, negociar com valor cobrado pela saca com os trabalhadores e que, se necessário, também colhe, rastela e capina. Normalmente é um faz tudo na fazenda que ganha salário fixo). O gato (muitos fazendeiros o substitui pelo motorista que também ganha salário fixo) é responsável por contratar os trabalhadores e pegá-los nos pontos. O fiscal fica na lavoura e verifica como está o andamento da panha e o administrador faz os pagamentos e confere a quantidade de sacas colhidas. Cada um com sua função, mas alguns cafeicultores preferem contratar somente um deles: o gato ou o fiscal.

Muitos trabalhadores criticam a atuação desses agenciadores, porque alegam que eles atrapalham o andamento da colheita, não deixam o “panhador” trabalhar:

*“é fiscal, é encheção de saco do fiscal, que o fiscal num deixa trabalha o agricultor, fica em redô enchendo o saco.”*⁶²

Para muitos, o fiscal atrapalha o andamento da colheita, pois ele sempre exige o máximo de cada trabalhador, são eles que verificam se o panhador está colhendo de forma correta, sem deixar para traz grãos maduros no pé de café ou no chão e se não estão sendo quebrados galhos. Segundo sr Wagner, existem muitos gatos que são bons e ajudam o trabalhador:

*“o gato já ajuda, tem veis que o gato num ajuda, tem veis que o gato já ajuda, agora fiscal não, fiscal tá ali pra enche o saco ali, num dexa a pessoa trabalha. Ele é mais pra oiá se tá quebrano gai, se ta dexano café no chão...”*⁶³

Tanto o gato quanto o fiscal são contratados pelos fazendeiros para cuidar e manter o trabalho e a ordem na fazenda. Eles fazem a contratação dos trabalhadores, buscam e levam

⁶¹ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁶² Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

⁶³ Idem. Idem

aos pontos, mas também são alvo de críticas dos “panhadores”. Muitos fiscais ou gatos ficam com uma porcentagem da panha do café, essa porcentagem é tirada do “panhador”. Segundo Oliveira, o ganho deles (gato e fiscal) é em função do ganho do bóia-fria, sendo assim quanto maior a produção do “panhador” de café maior é o ganho do atravessador.⁶⁴ Quando pergunto à sra Zélia se ela já foi alvo de algum fiscal que ficou com o seu dinheiro, ela fica em silêncio e em seguida responde:

*“não, já pegou dinheiro do meu irmão uma vez, a gente tava trabaino numa panha de café na fazenda (...) ai tava eu e minha cunhada trabaiano lá (silêncio), ai a gente trabalho duas semana e num recebemo. O cara (fiscal) pegou nosso dinheiro e não pagou, não pago, aliais, não pagou a turma inteira. Tivemos prejuízo de, na época, 100 reais.”*⁶⁵

O fiscal ou o gato muitas vezes fica com dinheiro desses trabalhadores, pois a pessoa que administra a fazenda faz o pagamento da quinzena para eles e em seguida eles devem repassar para os “panhadores”. Porém, alguns, ao invés de pagar, ficam com o dinheiro e vão embora no final do dia sem pagá-los. Para o “panhador” resta somente trabalhar por mais 15 dias para que possa receber novamente. Durante esse curto espaço de tempo eles chegam a passar por dificuldades financeiras, pois é através do café que tiram seu sustento.

O sr José se considera como a pessoa que administra a fazenda. Segundo ele, nas fazendas onde trabalha, não tem a necessidade de contratar o gato ou o fiscal, pois, ele acumula essas funções e para o fazendeiro isso é bastante rentável, pois não tem a necessidade de pagar o fiscal ou o gato por dia trabalhado. A pessoa que cuida da fazenda, mesmo com o período de entre safra, permanece com seu emprego garantido, porque é contratado pelo fazendeiro. O sr José, que já trabalhou como gato, conta como ocorre a exploração entre o gato e bóia-fria: *“tem uns que cobra 7%, otros cobra 6, otros cobra 8”*⁶⁶. Muitos gatos cobram esse valor do trabalhador e ainda recebem dinheiro do fazendeiro.

⁶⁴ Ver OLIVEIRA, Célia Regina Gomide de. **Os Bóias frias no café: Greve em Araguari-MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1986. PP 5.

⁶⁵ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁶⁶ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

Mas o principal problema do trabalhador rural está na competição com as máquinas, que conseguem colher de forma mais rápida, prática e sem tanto desperdício para o fazendeiro.

“hoje em dia tem muita coiedera, hoje fico mais rui, eu acho. Depois que surgiu essas maquina. Lá na fazenda levaro uma coiedera lá, ela coia 70 saco por hora, em 10 hora 700 saca de café, o trabaiadô que coia 700 saca de café, trabaiava 10,20 dia...”⁶⁷

Com a chegada das máquinas o trabalhador rural começa a se preocupar, pois o que eles levam 15 a 20 dias para colher, a máquina colhe em 1 um dia:

“se uma lavoura que o caboco desse conta de panhá ai, panha ai 7 saca, ele ia gasta 100 dia pra panha 700 saca, né! Então a colhedeira dentro de uma hora tirava o ganho dele”⁶⁸

Para o fazendeiro, a colhedeira se torna melhor do que a mão-de-obra do homem. Com ela, ele não tem a necessidade de pagar os direitos do trabalhador como férias, salários e carteira assinada, que é renovado todo ano. Já para o “panhador” de café a substituição de mão-de-obra leva a preocupação com o desemprego. Ao substituir o empregado pelas máquinas, o trabalhador rural começa a procurar serviço na cidade e nem sempre encontra e muitos partem para outras cidades próximas a procura da panha do café.

Durante o período de entressafra, aqueles trabalhadores que permaneceram na cidade procuram emprego na construção civil e serviços gerais, alguns ficam trabalhando nas fazendas:

“ai tem a diária, a diária de capina, a diária de brotação, a diária de arnação, pra cumeça o café de novo. Tem adubação, a pessoa joga adubo, tem a plantação de café que vai forma a plantação, planta otros tipo de muda”⁶⁹

⁶⁷ Geraldo Firmino dos Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁶⁸ Jose Firmino do Santos. Entrevista realizada em 31/10/2004

⁶⁹ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004

Algumas fazendas continuam com poucos trabalhadores para a manutenção do serviço no campo. A capina, que é a limpeza embaixo dos pés de café e nas ruas, permanece, para que nas próximas safras o cafezal esteja em ordem.

A maioria desses “panhadores” mora no Serra Negra, um bairro próximo às fazendas de café e onde estão também as empresas que beneficiam o café. O Serra Negra é bastante distante do centro da cidade, um bairro criado em 1990, onde os terrenos foram comprados pela prefeitura e doados a pessoas carente. A maioria dos meus entrevistados mora nesse bairro, apenas um, o sr Jose não mora mais, porém já morou.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por serem “panhadores” de café e ficarem conhecidos por bóias-frias, os trabalhadores rurais se sentem valorizados:

“é difícil (...) mexemo cum café muitos ano, do plantio a torração, nois já fizemo. Torramo, muemo, complicado demais, só pra es tomá, es num tem noção do que é uma torração de café, não tem noção. O Trabalho até chega na mesa do consumido, ele num tem noção, tem muita gente que não tem noção do trabalho que é .”⁷⁰

Nota-se que o trabalho feito nas fazendas de café, faz com que muitos trabalhadores se sintam importantes ao verem o produto final na mesa do consumidor, na realidade eles são parte disso. Tanto homens quanto mulheres estão ligados diretamente na colheita do café, esse trabalho não diferencia homem e mulher, todos fazem o mesmo serviço. Porém para as mulheres a dificuldade é maior do que para os homens, o grau de dificuldade não está na panha, mas sim em deixar seus filhos pequenos em casa. Muitas saem de suas casas para acompanhar seus maridos, filhos ou pais, para ajudar no orçamento da família. Aquelas que tem filhos pequenos preferem ficar em casa e trabalhar na cidade, no caso da senhora Adriana, ela preferiu deixar o emprego no café para cuidar do seu filho de 3 anos:

⁷⁰ Zélia Alves de Jesus. Entrevista realizada em 31/10/2004

“Eu trabaiei até os seis meis (de gravidez) na lavoura (...) o ano que vem nois vai, mais só se eu num tivé trabaiano na cidade, porque eu to trabaiano de doméstica, se tive ganhano bem, eu num vô sai do serviço pra i pô café.”⁷¹

Na fala podemos perceber que o emprego no café para algumas mães não é tão importante, para elas o principal é estar empregado não importando qual o local desse emprego. A senhora Adriana prefere cuidar do seu filho a voltar ao trabalho no café, pois segundo ela *“eu prefiro ficá trabaiano na cidade mesmo”*. Para ela o café ajuda no orçamento da casa, mas o cuidado com seu filho merece maior atenção.

A panha do café para a senhora Adriana é muito complicada, ela começou a colher desde muito nova, mas não consegue (ou não quer) lembrar dessa fase. Quando pergunto como era sua vida no café, ela responde:

“Eu num lembro. Eu era nova, eu num lembro quando eu comecei. Eu lembro quando a mãe levava nois, nois ficava deitada embaixo do pé de café. Nois tinha que ir pra lavoura, porque tinha es que trabaia, aí nois chegava lá e es trabaia e nois ficava sentado debaixo do pé de café.”⁷²

Os pais da senhora Adriana a levaram para a lavoura desde muito nova: na sua memória está a lembrança de quando ela e seus irmãos ficavam deitados embaixo do pé de café para que seus pais trabalhassem. Ela não consegue lembrar de como era sua vida nas lavouras de café, criando um bloqueio e não querendo falar a respeito.

A narrativa oral esta impregnada desses “esquecimentos” por parte dos entrevistados. Na sua fala ao entrevistador está somente aquilo que tem importância e que marcou sua vida. Mesmo eu insistindo na pergunta, a senhora Adriana sempre procurava uma forma de mudar de assunto e falar somente da sua atualidade, do seu emprego na cidade, do seu filho e do lugar onde mora. O bairro Serra Negra, onde ela mora, será tratado no capítulo III, onde iremos mostrar a realidade que esses trabalhadores vivem no lugar onde residem e sua relação com o restante da cidade.

⁷¹ Adriana Batista Silva Fernandes. Entrevista realizada em 20/11/2004.

⁷² Idem. Idem.

CAPITULO III

SERRA NEGRA: UM BAIRRO DE “PANHADORES” DE CAFÉ.

“... a maioria do Serra Negra é tudo de café aqui. É chei de caminhão pra cima e pra baxo, de café, pra levá pra fazenda”⁷³
(Wagner, trabalhador do café e residente no bairro Serra Negra)

Nas entradas da cidade está uma placa, feita de cimento, onde se lê “Patrocínio – A cidade do Café”, um monumento que representa a cultura do café na cidade, mas quem são os trabalhadores que fazem parte desse título, onde vivem e como é seu cotidiano? Nesse III capítulo tentarei mostrar qual a relação desses trabalhadores com o bairro onde moram e com a cidade.

O Serra Negra é um bairro onde mora a maioria dos “panhadores” de café do município. Um lugar afastado da cidade com um único ponto de ligação, uma avenida que passa por toda a cidade e é um dos pontos de entrada, como ressaltamos no capítulo I. O Serra Negra está ao lado dessa avenida, mas a mesma não passa por ele. Para entrar no bairro é necessário percorrer por toda avenida Faria Pereira, adentrar no bairro Nações e virando a direita chegamos ao bairro, através da avenida Rússia entramos no Serra Negra⁷⁴. A avenida Faria Pereira é o único ponto de ligação do Serra Negra com o restante da cidade, um lugar cheio de armazéns que estão destinados ao beneficiamento do café; desde a torrefação até a moagem, tudo é feito no município.

O bairro foi formado por invasões a partir de 1990. As invasões no município começaram a ocorrer após a década de 70 com a implantação da cafeicultura na cidade, onde começou uma forte migração de pessoas vindas de São Paulo, Paraná e Norte de Minas. À medida que a migração ia crescendo foi se desenvolvendo paralelamente uma ocupação de terrenos públicos e privados. Alguns bairros foram regularizados como o

⁷³ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004.

⁷⁴ Ver mapa na página 18.

bairro Boa Esperança, Carajás e, em 1988, o Manuel Nunes. Mas a maior invasão aconteceu na área onde hoje está o Serra Negra. Em 1991 já havia cerca de 1000 barracas de lona montadas no local.

Segundo informações da Prefeitura Municipal, foram realizadas negociações com o proprietário local, onde estavam as fazendas do Grupo Fugiminas e Minas Silk, ambas com criação do bicho da seda e com sede em São Paulo. Após as negociações foi formalizado o bairro com 2.468 lotes e áreas para a construção de praças.

Em maio de 1992 os primeiros 500 lotes foram distribuídos à população, com ruas de terra e rede de água implantada. Em setembro do mesmo ano, foram entregues mais 1200 lotes e inaugurada a primeira escola do bairro: Escola Estadual Irmã Carvalho com ensino fundamental e médio.

A escolha para a distribuição dos lotes era através de uma pesquisa feita pela Prefeitura, onde quem desejasse ter um terreno deveria se encaixar em alguns pré-requisitos: estar morando na cidade há cinco anos, ser casado, ter residência fixa e filhos. Os lotes doados foram os que estavam localizados próximos as ruas, sendo que os lotes das avenidas eram considerados lotes comerciais e estes foram vendidos. Não existem dados da Prefeitura sobre quem recebeu os terrenos. Segundo o Secretario de Meio Ambiente e Urbanismo, senhor Neuldon Veloso, todo tipo de pessoas tiveram acesso a eles. Na fotografia abaixo, observamos os primeiros moradores do bairro, quando as primeiras casas foram entregues em 1992.

Foto: nº. 01.

Primeiros moradores do Serra Negra.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Patrocínio, 1992.

Segundo dados do IBGE o projeto de lei que regulamenta o Serra Negra é o de nº 1.408/78 e que delimita o perímetro urbano da cidade, onde está escrito que o bairro denominado Serra Negra possui a seguinte delimitação: começa no cruzamento da avenida Faria Pereira com a avenida Enéas Ferreira de Aguiar, segue por até um córrego, que passa no fundo da fazenda do senhor Wilson Veloso e sobe até uma ponte na estrada municipal DPA – 0.10, e volta por esta até o início da avenida Faria Pereira onde começou⁷⁵

Em 1992, através de programas habitacionais do governo federal e municipal (Cohab e Prosserg) foram construídas cerca de 1000 casas. Outro convênio que também foi assinado entre a Prefeitura e o Governo Federal foi para a construção de um Caic no bairro, sendo esta a primeira fase de construção das casas do Serra Negra. Como podemos observar o bairro ainda não possuía asfalto, as casas eram maiores do que muitas casas construídas por outros projetos habitacionais.

⁷⁵ Dados retirados do IBGE, em visita realizada no dia 19/11/2004.

Foto: nº. 02.

Primeiras casas da Cohab.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Patrocínio, s.d.

A segunda fase começa em 1996, onde houve a construção de mais 170 casa através do Programa Habitar Brasil e 150 através do financiamento da Caixa Econômica Federal no Programa Pró Moradia. Em 1998 foram construídas mais 296 casa no Serra Negra com o projeto Mutirão da Casa Própria.

Foto: nº. 03.

Programa Pró-Moradia.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Patrocínio, 1996.

Tanto no Programa Pró-Moradia como no projeto Mutirão da Casa Própria as casas são compostas por dois quartos, uma sala e cozinha e um banheiro. Durante o período de 1996 à 2005 poucas alterações foram feitas pelos moradores. No ano de 1996, as casas foram entregues sem ruas asfaltadas, em 2005 podemos observar essa melhoria a população do bairro, na fotografia a seguir:

Foto: nº. 04.

Casas do Serra Negra.



Fonte: Arquivo pessoal Janáina / 2005

Varias modificações ocorreram entre as primeiras construções e as ultimas. As primeiras casas do bairro hoje estão modificadas, são adaptações que estão carregadas de significados para essas pessoas. Casas que inicialmente eram compostas por dois quartos, sala e cozinha, são modificadas, onde se aumenta um quarto, puxa-se a varanda, cerca-se o terreno, mostrando que essa moradia não é coletiva e sim individual. Através dessas modificações as pessoas vão transformando o projeto inicial.

A maioria dos terrenos foi doada a população carente, sendo que o financiamento para a construção das casas veio através dos programas habitacionais. Muitos moradores reclamam do alto valor cobrado pelo financiamento, e acreditam que houve um superfaturamento no valor das casas:

“... Isso aqui é da Cohab, com 15 ano ou 25 ano pra pagá, (...) já tem 15 ano que tá pagano isso aqui e ainda falta 5 mil e essas casa num vale isso, no máximo que vale é uns 4 mil à 3 mil. Elas num vale esse preço, isso é uma judiação, esse lote da minha mãe foi doado, só o lote. Agora a Cohab tomou conta do lote pra nois financiá, pra nois mora num tinha condições de fazê uma casa”⁷⁶

Mesmo reclamando do alto valor cobrado pelo financiamento da construção da casa, o sr Wagner ainda se sente satisfeito com o projeto, pois foi através dele que conseguiu realizar o sonho da casa própria. Para ele o valor da casa atual é menor que o valor que está sendo pago, isso lhe causa revolta, mas ele continua morando lá, pois não existe outra opção na cidade, a não ser morar de aluguel.

O aluguel para esses trabalhadores seria uma despesa a mais juntamente com o pagamento de contas de luz e água e a manutenção da casa. Eles preferem pagar o financiamento da casa própria ao aluguel de uma casa que não lhes pertence.

Almeida ao analisar o local de moradia dos trabalhadores, destaca que este é um espaço onde as sociabilidades e as identidades coletivas se constituem. O autor ressalta:

“... a importância, nos estudos históricos relacionados ao trabalhadores, de se compreender como as suas experiências, vivenciadas concretamente em suas diversos espaços, são trabalhadas, decodificadas, assimiladas e incorporadas nas tradições e nos sistemas de valores e como a partir daí, se estabeleceu os mecanismos de resistência ou acomodação em relação às práticas de dominação.”⁷⁷

Em Patrocínio, o Serra Negra é um espaço conquistado pelos trabalhadores que lá residem. Aceitando inicialmente os projetos oficiais de moradia; aos poucos eles vão

⁷⁶ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004.

⁷⁷ Ver: ALMEIDA, Antonio de. **Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva**. In MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (org.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Programa de Mestrado em História UFU. Uberlândia/MG: EDUFU, 2001. PP 33.

adaptando suas casas aos seus desejos e necessidades. Ao mesmo tempo vão reivindicando o que falta no bairro.

Na segunda fase de construção do bairro (Programa Pró-Moradia e Projeto Mutirão da Casa Própria) as casas ainda estão sem muro, apenas com uma cerca de arame ou até sem a cerca. Nesta segunda etapa, as casas ainda não foram modificadas e estão com o chão de cimento, mas todas são terminadas com dois quartos sala, cozinha e banheiro e permanecem assim. Nos quintais dessas casas estão plantadas árvores frutíferas como mexeriqueiras, laranjeiras, goiabeiras e mangueiras. Há ervas e temperos como salsa e cebola de cheiro. Essas casas foram construídas bem próximas das fazendas de café. Na realidade todo o bairro é próximo as fazendas, cerca de mais ou menos 5 quilômetros de distancia.

O município possui uma boa infra-estrutura, o Serra Negra também, o bairro é asfaltado, desde 2000, e todas as casas possuem redes de água e esgoto e luz elétrica. Porém falta para aos moradores áreas de lazer e diversão, como uma praça ou parque. Durante o final de semana eles não tem para onde ir ou levar seus filhos. Segundo o sr Wagner *"aqui no Serra Negra num tem um lugar pra gente i, num tem shopi, num tem nada. Num tem cinema"*⁷⁸.

Os moradores sentem falta de uma área de lazer, algo diferente para se fazer em um final de semana. A cidade possui somente um cinema que está localizado no centro, em um shoppin center. Mas são diversões destinadas às famílias de classe média ou classe alta, para os menos favorecidos fica difícil transitar de um ponto ao outro na cidade ou ir ao centro.

O lazer fica então destinado aos finais de semana, e especificamente o domingo. Para esses trabalhadores o domingo é dia de passear, ver a família ou ficar conversando com os amigos, para os homens, em muitos bares espalhados pelo bairro. As mulheres do bairro, nos finais de semana, se dedicam a cuidar da casa, como muitas trabalham na colheita do café de segunda-feira a sábado, o domingo é dia de limpeza, lavar a roupa, cuidar do moveis. Após esse serviço, elas visitam amigas e familiares.

As ruas nos finais de semana são sempre cheias de pessoas, crianças correndo ou andando de bicicleta, vizinhos conversando. Existe no bairro uma convivência pacífica

⁷⁸ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004.

entre os moradores. Através desses lugares, eles trocam experiências e se relacionam socialmente.

Os moradores não saem com frequência do bairro para irem ao centro, pois, isso levaria cerca de 1 a 2 horas no ônibus. No Serra Negra os ônibus circulam de hora em hora, e andam pelos bairros próximos, sendo preferível ir passear ou trabalhar de bicicleta ou até mesmo a pé. Em época de safra ocorre um aumento na movimentação do bairro, são os caminhões e ônibus que levam os trabalhadores ao seu destino: as fazendas de café. Próximas ou não do bairro os caminhões sempre cortam o Serra Negra, eles passam de manhã bem cedo e voltam ao anoitecer.

Muitos moradores trabalham nas fazendas de café, mas não todos. Alguns como a sra Adriana (esposa do sr Wagner) prefere trabalhar na cidade do que na panha do café:

“Que nem ele (Wagner) tá falano, o ano que vem nois vai, eu vô, mais se eu num tivé trabaiano na cidade. Porque eu tô trabaiano de domestica, se tivé ganhano bem eu num vô sai do serviço pra i pô café. Porque depois o café acaba e eu num rumo otro serviço, ai eu prifiro fica trabaiano na cidade mesmo”⁷⁹

A sra Adriana prefere trabalhar na cidade. Na época da entrevista, seu marido cogitava a idéia de que ela fosse junto com ele, mas ela não queria. Para ela o emprego na cidade é mais garantido, mesmo ganhado menos. Com o trabalho na lavoura ela teria que deixar seu filho na creche, ou com sua sogra, mas se continuasse com o emprego na cidade não era necessário, pois ela poderia levá-lo.

Para as mulheres moradoras do Serra Negra e que têm que deixar seus filhos pequenos na creche ou com pessoas, a dificuldade para ir para a lavoura é maior. O bairro possui somente uma creche para atender uma população com cerca de oito mil habitantes. Existe também o Caic onde funciona Posto de Saúde e o ensino fundamental.

A construção do Caic para esses moradores foi muito importante, através dele, eles tem onde deixar seus filhos por um período do dia, e não precisam sair do bairro para que

⁷⁹ Adriana Batista Silva Fernandes. Entrevista realizada em 20/11/2004.

as crianças completem o ensino fundamental. Sem o Caic era preciso levá-los para estudar no centro, com isso aumentaria o gasto familiar com a passagem de ônibus.

Muitas mães e pais não confiam deixar seus filhos na creche do bairro, pois a creche é vista como um lugar ruim, onde as crianças ficam doentes, para o senhor Wagner *“a creche daqui eles judeia muito ca criança”*⁸⁰. Mesmo a creche sendo vista como ruim para alguns ela é um benefício para os moradores. Aqueles que não tem condições de pagar alguém para olharem seus filhos, os deixam na creche.

Atualmente é o bairro mais populoso da cidade. Segundo Ferreira⁸¹, o bairro é composto por maioria de migrantes do norte de Minas e do sul da Bahia, que vêm para a colheita e resolvem morar na cidade, são cerca de 60% dos habitantes. Na fotografia podemos verificar como é composto o bairro e a quantidade de casa nele construída. Esta imagem foi feita em 2002, quando a região já estava urbanizada. Podemos perceber nas proximidades as áreas cultivadas com café.

⁸⁰ Wagner Junior. Entrevista realizada em 20/11/2004.

⁸¹ FERREIRA, Rômulo Gama. **Agricultura Familiar e Inovações Tecnológicas: Impactos sobre a ocupação de o êxodo rural nas microrregiões de Patos de Minas e Patrocino-MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia/2004. PP. 132.

Foto nº. 05.

Vista Panorâmica do Serra Negra.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Patrocínio.

Legenda:

CAIC – 1

Primeiras Construções – 2

Programa Pró-moradia – 3

Entrada no Bairro – 4

A partir das invasões ocorridas no Serra Negra começou uma série de invasões em toda a cidade, elas são feitas pelos migrantes que vêm para a colheita do café e acabam morando definitivamente no município.

O bairro mais atual é o Enéas Aguiar fundado em 2000. Em 2001 começaram as construções através dos programas habitacionais, chamados PSH (Programa de Subsídio Habitacional), financiado pela Caixa Econômica Federal. O bairro já está com energia elétrica, serviços de rede de água e esgoto, juntamente com asfalto e transporte coletivo.

Como verificamos, muitos bairros da cidade foram formados por invasões, que começaram na década de 70 e continuam até os dias atuais. Porém o bairro com maior população permanece sendo o Serra Negra. A Prefeitura Municipal procura fazer melhorias como a construção de um novo Posto de Saúde para atender a população local. Mas o bairro continua sendo um local marginalizado por outros moradores de outros bairros.

O Serra Negra sempre é visto como um lugar perigoso cheio de marginais e assaltantes, mas na realidade ele é um bairro formado por trabalhadores que, graças ao seu trabalho nas lavouras de café, promovem o crescimento econômico da cidade.

Mesmo sendo discriminadas por boa parte da população do município, essas pessoas procuram viver de forma simples e humilde, seguindo suas tradições, e transformando o Serra Negra em um bairro de “panhadores” de café.

Considerações finais

A tentativa de entender como uma cidade tem seu desenvolvimento econômico baseado no café, surgiu através de conversas com familiares. O projeto inicial era tentar entender esse movimento. Porém, durante a pesquisa, pude perceber que por trás desse desenvolvimento estavam pessoas “responsáveis” pelo crescimento da cidade.

A responsabilidade não estava somente nos grandes empresários do café, mas nos trabalhadores que colhiam o café. Ou melhor, o crescimento econômico da cidade também está ligado ao trabalho do bóia-fria. Porém esse trabalhador não se considera mais assim, um bóia-fria, seu trabalho na colheita do café é visto, por eles, como parte principal na produção do café, se sentindo valorizados pelo seu trabalho.

Os depoimentos permitiram-me entender essa mudança de bóia-fria para trabalhador rural, como também entender e analisar suas vivências, seus trajetos, suas dificuldades enfrentadas dia-a-dia. Busquei os “panhadores” em seus espaços que aparentemente são iguais, mas na realidade são plurais, constituídos na diversidade das pessoas e das relações que estabelecem.

Muitos temas foram pouco abordados, por mim e pelos entrevistados, como greves, sindicatos e relação produtor/ trabalhador. Sinto que na pesquisa faltou ser abordada essa relação, talvez pelo fato de não conseguir informações por parte do sindicato, que cuida não somente dos interesses do trabalhador rural, mas, também do produtor. São lacunas que ainda permanecem sem resposta e que me instigam a continuar com a pesquisa.

Contudo a construção da monografia permitiu por em prática os estudos feitos em sala de aula, relacionando a aprendizagem com a prática de historiador e sua inserção no meio social.

Fontes

Fontes orais pesquisadas:

1. Jose Firmino dos Santos, 59 anos, casado, reside em Patrocínio. Natural de Patos de Minas. Trabalha no café desde 1980, começou como “panhador”, atualmente esta na função de gato. Depoimento gravado em 31/10/2004.
2. Geraldo Firmino, 64 anos, solteiro, reside em Patrocínio. Natural de Patos de Minas. Trabalha no café desde 1980. Atualmente não trabalha na colheita desde de 2002, por motivo de doença. Depoimento gravado em 31/10/2004.
3. Zélia Alves de Jesus, 47 anos, viúva, residente e natural de Patrocínio. Atualmente não está trabalhado na colheita desde 2000. Sua função era panhar o café. Depoimento gravado em 31/10/2004.
4. Wagner Junior Fernandes, 22 anos, casado, reside e é natural de Patrocino. Trabalha na panha do café desde os 15 anos. Depoimento gravado em 20/11/2004.
5. Adriana Batista Silva Fernandes, 24 anos, casada, reside em Patrocino. Natural de Minas Sul, no estado de Goiás. Não esta trabalhado na colheita desde o nascimento do seu filho de 3 anos. Depoimento gravado em 20/11/2004.

Fontes impressas pesquisadas:

1. Jornal Correio, Uberlândia, ano 65, nº 19.567, , 09/11/2003.
2. Anuário de Patrocínio: Histórico, Turístico e Estatístico – 1999. Ano 3, nº 3.
3. Anuário de Patrocínio: Histórico, Turístico e Estatístico - 2002/2003. Ano 5, nº 5.
4. Prefeitura Municipal de Patrocino. Diagnostico Municipal. 1982
5. Prefeitura Municipal de Patrocino. Patrocínio: Administração Municipal – gestão 2001/2004, julho/2002. Publicação da Prefeitura Municipal.
6. Núcleo Intersindical de Conciliação Trabalhista – NINTER. Manual básico. Brasília, 2000.
7. Site oficial da Prefeitura: www.cmpatrocinio.mg.gov.br
8. Prefeitura Municipal de Patrocino. Patrocínio: Histórico e em números, s.d?
9. Mapa da cidade. A cidade de Patrocínio/2002.
10. Prefeitura Municipal de Patrocínio. A Cidade e a Habitação. Publicação da Assessoria de Imprensa, s.d?
11. Fotografias divulgadas pela Assessoria de Imprensa. Publicação da Prefeitura Municipal.

Bibliografia:

ANGELLOTT, Maria do Carmo Andreia. *Trabalhadores bóias-frias experiências rurais e urbanas em Araguari – MG*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/ São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Antonio de. Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (org.) *Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas*. Programa de Mestrado em História. UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, 2001. PP 27-42.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: História de classe ou História do povo? In: *História & Perspectivas 6*. Revista dos Cursos de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia/MG: EDUFU, 1992.

FERREIRA, Rômulo Gama. *Agricultura Familiar e Inovações Tecnológicas: Impactos sobre as ocupação e o êxodo rural nas microrregiões de Patos de Minas e Patrocínio – MG*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Economia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2004.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Agricultura e Política Agrícola na década de 70: A cafeicultura em Araguari – MG*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Economia. Universidade Estadual de Campinas/ Campinas, 1983.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. . In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

_____. Narrativas Orais na Investigação da História Social. In: *Revista Projeto História 22. História e Oralidade*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo: EDUC, 2001. PP 81.

LIMA, João Heraldo. *Café e Indústria em Minas Gerais (1870 – 1920)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1977.

MATTOS, Marcelo Badaró. Pesquisa e Ensino. In: *História Pensar & Fazer*. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998, pp 91-124.

OLIVEIRA, Célia Regina Gomide de. Os bóias-frias no café: *Greve em Araguari – MG. Dissertação de Mestrado*. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1986.

PINHEIRO, Maria Luisa Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). In: *Projeto História 16*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC – MG. São Paulo: EDUC, 1998, PP 211-220.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das Fossas Ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos e História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: *História & Perspectivas 25/26*. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UFU Uberlândia/MG: EDUFU, 2001/2002, pp. 9-26 e 27-54.

_____. O massacre de Civitella val di Chiana. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. Varadouros da Liberdade: cultura e trabalho entre os trabalhadores seringueiros do Acre. In: *Projeto História 16*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC – MG. São Paulo: EDUC, 1998, PP 221- 231.

THOMSON, Alistair. FRISCH, Michael e HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

VOLDMAN, Daniele. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.